



PUC  
RIO

ACYR DE OLIVEIRA

CRÍTICA AO DISCURSO IDEOLÓGICO  
SOBRE O BEHAVIORISMO RADICAL

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1982

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 048c TESE UC

Título Crítica ao discurso ideológico sobre o behaviorismo radica



Ex.1 PUCB

0114209

BC - PUC

0 7 3 7 0 0

ACYR DE OLIVEIRA

CRÍTICA AO DISCURSO IDEOLÓGICO  
SOBRE O BEHAVIORISMO RADICAL

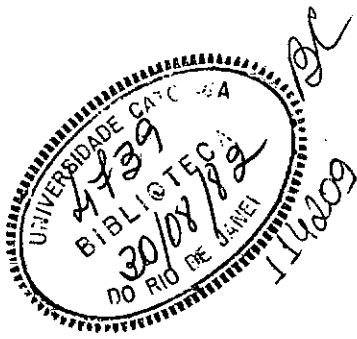
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Anamaria Ribeiro Coutinho

Departamento de Psicologia  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 11 junho de 1982.

77970



150  
048C  
TESE UC  
BT - 2666 - 8  
ex 1

A Ann Josey, Mark Sloane e  
Robert Deysach

## Meus agradecimentos

- a Anamaria Ribeiro Coutinho, orientadora da dissertação, pelo apoio e confiança depositada.
- a Valdenir Albino Oliveira (Val), pelo apoio quanto aos serviços de datilografia.

## R E S U M O

O Behaviorismo Radical, a filosofia de uma ciência do comportamento humano como apresentada por B.F. Skinner, vem sendo constantemente discutida por representantes exponenciais de diferentes áreas da sociedade, especialmente após a publicação de seu mais controvertido livro - Beyond Freedom and Dignity.

Após a apresentação de uma conceituação do Behaviorismo Radical e seus principais pressupostos ideológicos a respeito de tópicos tais como a ciência, o homem como indivíduo e ser social, a sociedade e o controle social e os valores morais, segue-se uma série de críticas emitidas por diferentes autores relacionadas com os principais pressupostos ideológicos do Behaviorismo Radical e uma avaliação final sobre os tópicos considerados.

## A B S T R A C T

Radical Behaviorism, the philosophy of a science of human behavior as presented by B.F. Skinner has been constantly discussed by outstanding representatives of different areas of society, specially after the printing of his most controversial book - Beyond Freedom and Dignity.

After the presentation of a concept of Radical Behaviorism and its main ideological assumptions about issues such as science, man as an individual and social Being, society and social control, and moral values, follows a series of criticisms, as emitted by different authors, related to the main ideological assumptions of Radical Behaviorism and a final evaluation accordingly to the pertinency of the criticisms about the issues considered.



## S U M Á R I O

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I .....	3
1 - Conceituação do Behaviorismo Radical .....	3
2 - A Concepção do Homem Segundo o Behaviorismo Radical..	15
3 - A Questão do Controle .....	23
4 - O Behaviorismo Radical como Filosofia de uma Ciência de Valores.....	31
CAPÍTULO II .....	33
1 - Crítica ao Conceito Behaviorista Radical de Ciência do Comportamento .....	33
CAPÍTULO III .....	46
1 - Crítica à visão de Homem Behaviorismo Radical .....	46
CAPÍTULO IV .....	59
1 - Crítica à Posição do Behaviorismo Radical Quanto à Questão Social .....	59
1.1 - A Sociedade e as Instituições .....	59
1.2 - Métodos de Controle .....	68
CAPÍTULO V .....	71
1 - Crítica à Concepção de Valor do Behaviorismo Radical.	71
CAPÍTULO VI .....	82
1 - Avaliação Crítica .....	82
1.1 - A Ciência e Tecnologia Skinnerianas.....	82
1.2 - Visão do Homem sob a Ótica do Behaviorismo Radical .....	87

1.3 - Behaviorismo Radical e Controle .....	96
1.4 - O Behaviorismo Radical e a Ética .....	99
BIBLIOGRAFIA .....	101

## INTRODUÇÃO

Uma crítica ao discurso ideológico sobre o Behaviorismo Radical é de máxima relevância para o psicólogo em face dos tópicos de natureza filosófica e científica que se apresentam durante o debate.

Especialmente nos E.U.A. a discussão filosófica sobre a posição adotada por B.F. Skinner no que se refere aos rumos da sociedade em seus diversos aspectos cresceu grandemente nos últimos anos, o que gerou uma vasta bibliografia a respeito do assunto. O debate sobre o behaviorismo como uma das grandes orientações na Psicologia sempre foi acirrado e profícuo. Entretanto após o lançamento do movimento behaviorista por Watson em 1913 com a publicação do artigo "Psychology as the Behaviorist Views it" o debate foi-se reduzindo na exata medida em que o behaviorismo se expandia como teoria para experimentação e aplicação, e também devido aos seguidores de Watson, após a sua brusca retirada dos meios acadêmicos, terem continuado o seu trabalho enriquecendo-o com novas contribuições ou, inclusive, reformulando-o.

Como sabemos, após 1950, época em que o behaviorismo já tinha cultores suficientes para travar acirrados debates entre si quanto às diversas e já contrastantes concepções teóricas que defendiam, os ataques provenientes de fora do círculo behaviorista tinham chegado a um nível estável. Entretanto após 1971, quando Skinner publica Beyond Freedom and Dignity, o debate se reacende em todo o seu ímpeto, e, pelo menos no volume bibliográfico gerado, com intensidade superior ao

que se seguiu à publicação do famoso e já mencionado artigo de Watson de 1913.

O debate foi travado por psicólogos, filósofos, políticos, enfim representantes exponenciais de setores diversos da sociedade inclusive religiosos, leigos e profissionais das belas artes, notadamente cineastas.

Como não poderia deixar de ser as críticas nem sempre foram pertinentes, devido ao seu caráter emocional ou o puro e simples desconhecimento do Behaviorismo Radical, que é exatamente o que estava em discussão.

Portanto julgamos ser de máxima relevância fazermos um levantamento e crítica dos principais argumentos relativos à posição behaviorista radical analisando-os ao nível de teoria e aplicação, mormente no que se refere às suas consequências éticas e sociais.

## CAPÍTULO I

### 1. CONCEITUAÇÃO DO BEHAVIORISMO RADICAL

O desenvolvimento da Psicologia como ciência do comportamento fez com que sob a designação geral de "escola behaviorista" se abrigassem posições tão contrastantes entre si a ponto de poder-se encontrar pesquisadores mantendo pontos de vista diametralmente opostos acerca de um mesmo tópic. Devido a tal fato B.F. Skinner tomou o nome Behaviorismo Radical para designar o seu ponto de vista filosófico sobre a ciência do comportamento e Behaviorismo Metodológico para englobar todas as demais facções do movimento behaviorista.

Assim sendo, após evidenciar a contradição existente entre a posição assumida por Skinner e o Behaviorismo Metodológico, exporemos uma síntese dos pressupostos fundamentais do Behaviorismo Radical como filosofia da escola operante.

#### 1º) Repúdio ao Positivismo Lógico

O Behaviorismo Radical é uma filosofia que representa um elo de ligação ou, no dizer de Skinner, um elemento restaurador do equilíbrio entre as posições filosóficas extremas defendidas pelos mentalistas, como Wilhelm Wundt e Edward B. Titchener, e as posições acatadas pelos Behavioristas Metodológicos os quais no passado, e ainda no presente, defendem o que Skinner caracterizou como "uma versão psicológica do positivismo lógico ou do operacionismo".

Skinner designa sob a denominação geral de mentalismo a perspectiva segundo a qual praticamente toda a psicologia não-comportamentista, variando desde os estruturalistas até os modernos cognitivistas analisam o comportamento, isto é, como uma consequência da atividade mental. Essa atividade mental era estudada pelos estruturalistas através de observadores especialmente treinados no método introspectivo, o qual era usado para analisar os conteúdos ou faculdades mentais em situações esquematizadas em laboratórios munidos de aparelhos adequados à coleta e avaliação de correlatos fisiológicos.

O método introspectivo revelou-se inconveniente devido a dois fatores:

- 1º) A observabilidade dos fenômenos mentais era feita indiretamente através do relato verbal dos introspectivistas comparando-o com os correlatos fisiológicos passíveis de serem coletados, oferecidos ou registrados pela aparelhagem disponível.
- 2º) Não havia concordância entre os relatos verbais de dois ou mais observadores, e até mesmo entre os relatos de um mesmo observador quando este fosse submetido à mesma situação teste em ocasiões diferentes.

O objetivo dos estruturalistas era fazer da psicologia uma ciência natural, mas discrepâncias sempre encontráveis nas observações dos fenômenos mentais através do método introspectivo não eram compatíveis com as demonstrações experimentais realizadas em laboratórios de Física, Química e Fisiologia onde os fenômenos direta ou indiretamente observados apresentam resultados conforme as previsões estabelecidas pelos

experimentadores.

Tal não ocorria nos laboratórios de psicologia onde não se podia realizar observações diretas nem medir indiretamente a magnitude das sensações (o aspecto sensorial considerado objetivo pelos estruturalistas) e das percepções (ou "sentimentos" na terminologia de Wundt e que designava os aspectos subjetivos relativos à sensação). Desta forma os positivistas lógicos, baseando-se na inobservabilidade dos fenômenos mentais e nas discordâncias encontráveis entre os relatos dos introspeccionistas chegaram à conclusão que, do ponto de vista das ciências físicas, os fenômenos mentais não poderiam ser estudados.

Todavia, desde a Psicofísica de Weber e Fechner já se estudava os limiares de sensibilidade com base no poder de discriminar entre magnitude de estímulos de natureza diversa. Desta forma os operacionistas sugeriram que se mudasse a maneira de estudar os fenômenos psicológicos.

Se não era possível medir as sensações e percepções que se estudasse a capacidade individual de discriminar entre estímulos; desta forma os conceitos de sensação e percepção poderiam ser reduzidos à operação de discriminação.

Watson, influenciado pelo positivismo e operacionismo lança o seu manifesto "A Psicologia como <sup>um</sup> behaviorista a vê" (1913) onde estão as bases do Behaviorismo Metodológico na sua forma mais ortodoxa e que são:

- 1) A negação da mente e estados mentais.
- 2) A redução da experiência à secreção glandulares e movimentos musculares.

- 3) A atribuição do comportamento à aprendizagem segundo o condicionamento clássico e redução das influências hereditárias ou fatores biológicos.
- 4) A afirmativa de que os processos conscientes, se eles existem, estão além da pesquisa científica.

Como foi proposto, esta primeira versão do Behaviorismo Metodológico atendia perfeitamente às exigências dos positivistas e operacionistas de identificabilidade e mensurabilidade de variáveis, redução dos fenômenos privados à operações observáveis e, conseqüentemente, eliminação das discordâncias entre observadores.

A ortodoxia inflexível dos primeiros behavioristas aliados a declarações intempestivas de Watson como o famoso dictum (o qual é aqui transcrito da obra de Wertheimer (1970)) contido em "Behaviorismo" (1925)<sup>1</sup>, diz Skinner, foi responsável por considerável parte das emotivas críticas depreciativas endereçadas ao behaviorismo de então e impropriamente repetidas mais de 50 anos após em relação ao Behaviorismo Radical de nossos dias que nada tem a ver com os pressupostos filosóficos e metodológicos da escola clássica.

---

1 - "Dêem-me uma dúzia de crianças sadias e bem formadas e o mundo por mim especificado dentro do qual criá-las, e garanto que tomarei uma delas ao acaso e treiná-la-ei para que se torne um especialista de qualquer tipo que eu escolher - médico, advogado, artista, comerciante, bem como mendigo ou ladrão, - quaisquer que sejam seus talentos, tendências, capacidade, vocação ou a raça de seus ancestrais" (pag. 154).



Todavia o Behaviorismo Metodológico, ao se livrar de forma, digamos, cirúrgica dos difíceis problemas que se levantam quando aceita-se trabalhar com os fenômenos privados, atingiu os seus próprios objetivos, pois foi aceito por considerável parcela de membros da comunidade científica. Mas, por razões diversas que variavam desde as reações emocionais partidas de setores diversos da sociedade, bem como as inegáveis problemas teóricos e práticos que permaneciam sem resposta devido à adoção do Behaviorismo Metodológico preconizado por Watson, foi preciso criar o conceito de estímulo interno e abrandar a ortodoxia inicial. Então "a maioria dos behavioristas metodológicos garantiam a existência de eventos mentais enquanto os deixavam fora de consideração" (Skinner, 1974, pag.17). Dessa forma deixavam de considerar-se irrelevantes os fenômenos privados: poder-se-ia usar animais em experimentos laboratoriais e, a partir daí, realizar inferências para o comportamento humano quando a experimentação com o homem não fosse factível.

E assim, fortemente influenciado pelos pressupostos do positivismo lógico e do operacionismo, o Behaviorismo Metodológico tornou proscrita a introspecção como método de observação substituindo-a pela análise dos eventos externos imediatamente antecedentes ao comportamento.

O Behaviorismo Radical não considera que haja necessidade de pluralidade de observadores e concordância entre os mesmos para que uma análise comportamental seja considerado um procedimento científico. Nesse sentido ele restaura a introspecção como método aplicável à análise científica do comportamento.

A aceitação da introspecção permite com que os eventos privados sejam levados em consideração na análise do comportamento. Aliás, como cita Boring em "History of Introspection" (1953) quase todas as correntes modernas em Psicologia como a Gestalt, a Fenomenologia, O Existencialismo, a Psiquiatria, a Psicanálise e a Psicofísica, continuam usando a introspecção como método. Não o método clássico preconizado por Wundt, mas as suas variações atuais, como as usadas: na análise de testes projetivos, na consideração das vivências experimentadas pelo indivíduo em acordo com a sua cosmovisão, no método de associação livre, na anamnese psiquiátrica, no relato verbal relativo à discriminação de estímulos (especialmente nos experimentos de psicofísica) destinados à determinação de limiares de sensibilidade, etc.

Contudo o Behaviorismo Radical se opõe à posição dos adeptos do Behaviorismo Metodológico que negam a existência e/ou a validade dos fenômenos privados como objeto de estudo científico. Skinner não os considera fictícios nem irrelevantes, entretanto faz duas observações muito importantes quanto aos fenômenos privados: a primeira refere-se à sua natureza, e a segunda é relativa à confiabilidade que pôde ser outorgada aos dados coletados pelo método introspectivo. Em relação ao primeiro ponto Skinner diz que há uma grande diferença entre o que Behavioristas Radicais observam no mundo individual privado e o que os introspeccionistas acreditavam ou acreditam

estar observando<sup>1</sup>. O que os introspeccionistas creem estar observando não é um mundo imaterial, interno, um reflexo do mundo exterior. Quando nós realizamos a introspecção, o que estamos observando é o nosso próprio comportamento. E o nosso comportamento é fruto da atividade orgânica; é o nosso próprio corpo realizando suas funções. O relato verbal relativo a um fenômeno observado introspectivamente é um comportamento verbal que expressa o que sentimos ocorrer com ou na parte do nosso corpo que foi ou está sendo observada. "Isso não significa, diz Skinner (1974), que a introspecção seja uma espécie de pesquisa fisiológica, nem (e este é o ponto central do argumento) que o que é sentido ou introspectivamente observado sejam as causas do comportamento. Um organismo se comporta como o faz devido à sua estrutura normal, mas a maior parte desta está fora do alcance da introspecção" (pag.19).

Em relação ao segundo ponto Skinner coloca que não podemos conferir grande confiabilidade aos dados coletados introspectivamente. Isto porque como a introspecção é feita pelo próprio observador em relação aos seus próprios eventos privados falta-lhe, para avaliar a natureza e intensidade dos seus

---

1 - Em suas próprias palavras em About Behaviorism (1974): "It restores introspection but not what philosophers and introspective psychologists had believed they were "specting"". A ironia do jogo de palavras é impossível, neste caso, de ser traduzida para o português. Aliás como notou Platt (1974, pág.38), o estilo da prosa de Skinner é a causa de parte da incompreensão e revolta contra sua obra. Diz Platt: "o que tem levado muitos críticos a se perderem é a ironia de Skinner e seu humor viesante. Ele pode ser tão sardônico quanto Veblen ou Galbraith" (pag.18).

sentimentos ou percepções, o que os lingüistas chamam de referentes e que Skinner classifica como um sistema de reforçamento que permita estabelecer discriminações entre os eventos experimentados internamente.

Conseqüentemente, embora seja válido do ponto de vista científico usar-se a introspecção como método de observação, o aludido método tem pouca fidedignidade porque quando se fala de eventos internos (como por exemplo de estados emocionais de tristeza, alegria, etc) não dispomos de referentes internos com os quais possamos fazer comparações entre tais eventos de forma que seja possível realizar uma medida ou avaliação de suas magnitudes. Entretanto quando olhamos para um objeto colorido qualquer que esteja no meio externo, nós podemos dizer a sua cor, se azul, verde, etc. e ainda classificar o matiz da dita cor em uma escala cromática com a qual pode-se realizar comparações objetivas. Ou seja, para os eventos observáveis a comunidade verbal tem referentes os quais são ensinados à criança ou adulto de forma adequada à situação. Mas os eventos internos não podem ser ensinados à criança: ela tem de aprender a lidar com eles sozinha.

## 2º) A Interpretação da Linguagem

Para o behaviorismo radical a linguagem é uma característica natural e própria do ser humano. Há quatro aspectos fundamentais na abordagem behaviorista radical do fenômeno linguagem. Primeiro o comportamento verbal é toda e qualquer ma-

nifestação humana que comunique ou signifique algo para si mesmo ou para outrem através do uso de símbolos. Desta forma as expressões corporais reveladoras de emoções, isto é, comportamento de fuga à ameaças várias, o grito ou expressões faciais de dor, medo, prazer etc não são comportamento verbal. Mas qualquer comunicação feita por voz, gestos, escrita ou sinais que simbolizem algo é comportamento verbal.

Em segundo lugar a natureza do comportamento verbal é social. Ele é totalmente aprendido. Embora a estrutura orgânica (aparelho fonador) que possibilita o desempenho do comportamento de falar seja inata e característica da espécie humana, o comportamento verbal em si é totalmente aprendido. Consequentemente é impossível a existência de uma linguagem puramente privada. Já nascemos inseridos em uma comunidade verbal a qual nos ensina a falar sobre as nossas próprias experiências. Somos desde a mais tenra idade conduzidos a falar e reforçados ou punidos em função de nossa performance. Se a comunidade verbal não fornecer os reforços e/ou punições que permitam o estabelecimento das discriminações verbais nenhuma linguagem será tornada possível: nem pública e muito menos ainda privada. É a própria comunidade verbal que ensina à criança a sua própria noção de subjetividade ao ensiná-la a usar corretamente o uso da 1ª pessoa, os pronomes, o significado da constelação familiar etc.. O que os tradicionalistas classificam como pensamento é apenas a linguagem, isto é, o comportamento verbal privado.

Por outro lado, se é a comunidade que preside a formação da linguagem na criança estabelecendo um sistema de reforçamento, não é aceitável que cada palavra tenha uma coisa

ou fenômeno que lhe seja correspondente. Desta forma o Behaviorismo Radical rejeita as teorias de correspondência ou referência, bem como qualquer posição filosófica que aceite que as palavras tenham um conteúdo como uma entidade que lhe seja própria. Na verdade o significado de uma palavra lhe é dado pelo contexto em que ela é usada na frase. A frase é algo mais do que a soma das palavras que a compõe. Tanto que é possível "ler nas entrelinhas". Mas o significado global da frase não está nas suas palavras, nem na relação existente entre elas. Está no efeito (reforço) causado no falante pela própria frase, quando ela for proferida (falada ou escrita) em uma situação qualquer. Portanto, o significado da palavra ou da frase está no seu uso.

Quando queremos gravar o significado de uma palavra devemos usá-la várias vezes em uma frase apropriada. Como diz Skinner, se quisermos saber o significado de uma palavra não o encontraremos no dicionário: este no máximo nos dará outra palavra que tenha o mesmo significado. Consequentemente só o emprego factual da palavra nos dará o seu, ou os seus verdadeiros significados. E cada palavra de uma frase guarda uma relação com as demais, o que torna a frase dependente dessas relações formais. Como dizem os gestaltistas a frase é uma gestalt, é uma realidade super-somativa, é algo mais que a soma de suas partes.

Entretanto, para o behaviorismo radical, não é forma da frase que exprime o seu significado global e sim o efeito no falante causado por tal arranjo verbal em uma situação factual específica num momento qualquer da vida do falante. E é por esta razão que uma palavra ou uma frase poderão ter significados (ou efeitos) totalmente diversos se usada em situações diferen-

tes. Conclui Skinner que atribuir "significado" ou "idéias" que são contidos por palavras é esquecer a sua prática, isto é, o seu uso nas situações reais.

Os exemplos supra não significam que o behaviorismo radical seja uma forma de solipsismo ou de qualquer outro tipo de filosofia idealista, pois para Skinner a existência do mundo real é um dado apriorístico: o ser humano percebe intuitivamente a si e ao mundo. Significa apenas que o comportamento de falar ou pensar é comportar-se tibiamente onde a tibieza pode ser devida, por exemplo, a um deficiente controle do estímulo (Skinner, 1974, pág.114) e não tem a sua origem em disposições inatas do indivíduo. O que é inato é apenas o aparelho fonador, isto é, o organismo apropriado a executar um comportamento que é atualizado devido às solicitações do ambiente. Não há portanto nada no falar em si que não seja aprendido. Não há regras universais de gramática, como quer Chomsky. As semelhanças entre idiomas diferentes devem-se a condições semelhantes externas dos ambientes em que tais linguagens se desenvolveram, à universalidade das características herdadas geneticamente pela espécie, e ainda a fatores aleatórios.

Finalmente a linguagem permite criar entidades fictícias ou ficções explanatórias que significam ou mascaram fatos os quais demandariam grande tempo e esforço para serem descritos ou explicitados se não se recorre-se a tais mitos. Por exemplo: para uma série de comportamentos mal adaptados cuja origem seja de difícil explicação cria-se a ficção explanatória "esquizofrenia"; ou para explicar as relações de movimento entre o nosso planeta e o sol, então desconhecidos, ou antigos criaram termos ou expressões que permanecem em uso mesmo após a eluci-

dação de tais mistérios". Assim é que expressões como "o sol se levanta", "o dia nasceu", etc. continuam em uso. Para Skinner estes são exemplos evidentes, mas há os mais sutis, como o que ocorre quando alguém diz que "Pensa em ir à Europa no próximo ano" quando a realidade é que a pessoa simplesmente não sabe se irá ou não à Europa num tempo futuro. A própria questão do tempo, por sua vez, já foi discutida exaustivamente por físicos como Einstein e filósofos como Bergson.

Se é possível acreditar como fazem alguns filósofos idealistas que a mente contém cópias de todas as coisas e fenômenos do mundo exterior "não é surpreendente que certas funções comportamentais remanescentes não fossem também removidas para dentro"(Skinner, 1974, pág. 113). Desta forma, simples funções naturais como discriminar sons audíveis em uma orquestra passam a ter explicações oriundas nas aptidões musicais, seletividade da consciência etc., que são puras ficções explanatórias.



## 2. A CONCEPÇÃO DO HOMEM SEGUNDO O BEHAVIORISMO RADICAL

### a) O Indivíduo

O mais original aspecto do Behaviorismo Radical em relação a todas as psicologias que lhe precederam é a inversão da interpretação sobre a causalidade do comportamento humano. Em todas as análises precedentes ao Behaviorismo Radical o ambiente externo era dado como controlado ou até mesmo, nas concepções idealistas mais extremadas, criado pelo homem. No Behaviorismo Radical o homem é o resultado da evolução do mundo, e é uma parte dele. Ou seja o homem não é algo separado do mundo: é parte dele, e como tal seu comportamento é produto das contingências ambientais e de sobrevivência da espécie durante o processo evolutivo onto e filogenético.

Desta forma o homem passa de controlador a controlado. Todavia o homem é detentor de uma grande capacidade de reação às influências ambientais, tendendo a afastar-se de situações que lhe sejam aversivas e aproximar-se das positivas. O sentir positiva ou aversivamente as influências ambientais é uma capacidade herdada geneticamente e fruto das contingências de sobrevivência pela qual a espécie passou.

Outro aspecto importante é a observação de que comportamentos úteis em um momento da evolução podem ser codificados geneticamente e realizados posteriormente, mesmo quando mudanças ocorridas no ambiente possam ter tornado tais comportamentos desnecessários ou até mesmo perniciosos. Portanto alguns comportamentos úteis no passado podem ser mantidos no

presente mesmo quando estes, agora, já representam séria ameaça ao próprio indivíduo ou à sua espécie.

A história da evolução individual em seu contexto ambiental é também de máxima importância. As influências ambientais são importantes na ontogênese como o foram na filogênese.

Portanto se desejamos modificar o comportamento de um indivíduo não é suficiente mudar drasticamente o seu ambiente; isto é, de nada adiantará retirar um selvagem adulto (o qual passou por longa história evolutiva individual na selva) de sua tribo e colocá-lo em um ambiente civilizado, na esperança que ele se comporte civilizadamente. A selva, não estando presente, já não controla seu comportamento por estar ele na cidade. Mas a simples presença da cidade não ensina-lhe como comportar-se; o meio exerce seu controle porém o faz mediante um longo processo de atuação.

Na visão tradicionalista é o indivíduo que paulatinamente vai interiorizando o meio; ele vai assimilando as influências ambientais. Na visão behaviorista radical dá-se o inverso, é o meio que vai, lentamente, moldando o indivíduo. É preciso portanto, para modificar o indivíduo, modificar o seu ambiente. Mas precisamos saber como esse ambiente influi no indivíduo, se quisermos ser eficientes em tal modificação. Como lembra Skinner, nunca no mundo foram feitas revoluções para modificar indivíduos: as revoluções são feitas para alterar o estado das coisas. Mas é preciso saber como se dá o processo de atuação das coisas, isto é, do meio sobre o indivíduo. Conhecer esse processo é objetivo da ciência do com-

portamento.

Desta forma o homem não é autônomo no sentido em que seu comportamento não é livre; é determinado ou causado pelas influências externas. Conseqüentemente o Behaviorismo Radical dá nova interpretação ao ato voluntário. A vontade deixa de ser um ato totalmente livre. A própria vontade humana é produto conseqüente da interação entre as necessidades fixadas filogeneticamente, sejam comportamentais ou fisiológicas, e as influências ambientais. Destarte quando eu digo que quero alguma coisa, esse querer não é algo sem causa real: ele é um fato existente, mas não independente. O querer é dependente da herança filo e ontogenética interagindo com a história ambiental, isto é, com as influências ambientais passadas e presentes.

Com esta visão, a vontade humana deixa de ser a causa das suas ações, o que é frequentemente comprovado na prática. Mesmo os filósofos que afirmam que os atos são conseqüentes às idéias e à vontade de colocá-las em prática, reconhecem que há comportamentos automáticos, os "impulsos irresistíveis", as compulsões. Estes atos são geralmente classificados como "involuntários". Entretanto como deveremos classificar os atos que cometemos "voluntária", conscientemente, mas que temos certeza que não deveríamos cometer? A resposta é que nenhum ato é voluntário, todos são desencadeados pelas solicitações ambientais, as quais agem como reforços simples ou condicionados sobre o indivíduo. Entretanto cada indivíduo tem sua história de condicionamento a qual poderá ter-se desenvolvido ou não em conformidade com as histórias de condi

cionamento da maioria dos indivíduos do grupo ao qual ele pertence. Em consequência, vezes haverá em que a história pessoal é contrastante, ou mal adaptada, ao que a maioria convencional ser o desejável, ou seja ao ethos (os quais englobam os folkways e mores) do grupo. Essa dissonância entre o que o indivíduo é condicionado a fazer e o que ele sabe ser desejável que ele praticasse é responsável por sentimentos que poder-lhe-ão ser aversivos. Neste caso ele experimentará tais sentimentos como "pecado", "ilegais" ou "imorais", de acordo com as suas crenças as quais, mesmo existindo, são pura consequência e nunca causa de qualquer comportamento seu.

Se a causa do comportamento é externa, segue-se que a responsabilidade também o será. Consequentemente o behaviorismo radical coloca a responsabilidade fora do indivíduo.

Para o Behaviorismo Radical a liberdade e a responsabilidade conferida ao homem autônomo é um artifício com o qual os detentores do poder se eximem do dever que lhes compete de promover o bem estar da sociedade ou grupo sob sua influência. Como toda pessoa faz parte de um ambiente, ela tem ação real de controle sobre as demais que lhes são circunstâncias. Assim sendo o professor, o pai, o patrão, etc. tem poder de controle sobre seus alunos, filhos, empregados. É evidente que estes últimos são parte do ambiente e, em consequência, também controlam os seus superiores. Mas, os mais jovens estão menos condicionados e mais próximos do estado natural do indivíduo, pois ao nascer o homem tem apenas reações codificadas geneticamente.

Na sociedade tradicionalista as crianças são consideradas irresponsáveis por seus atos. Idem os alienados mentais. Entretanto as crianças, ao atingirem a "maioridade", passam a ter os direitos da cidadania e o dever de responder pelos seus atos. A mudança é brusca e totalmente destituída de base científica. É, pode-se dizer, um ato supersticioso. Já os alienados mentais, estes nunca recuperam a dignidade que lhes era conferida antes de assim serem rotulados. Sua situação será sempre especial, mesmo que sejam considerados "curados" de uma enfermidade que, de acordo com a psiquiatria atual tradicionalista, não as chamadas correntes anti-psiquiátricas, raramente é expressa em um diagnóstico (o qual é julgado dispensável) e sim em um prognóstico baseado em conjunto de sintomas, isto é, síndromes. Estas não identificam a "doença" do paciente e sim as características do quadro clínico no momento da crise: são apenas a descrição do comportamento no momento crítico. Desta forma os sintomas ficam atribuídos a uma entidade a qual não foi identificada, mas que está "na mente" do paciente. Tal enfermidade torna o paciente irresponsável perante a lei. Por sua vez o terapeuta é também desobrigado de curar o paciente da enfermidade que não diagnosticou. Quanto às circunstâncias ambientais dentro das quais o paciente desenvolveu o comportamento "insano", no máximo alguns incidentes mais conspícuos são considerados como causa desencadeante. Mas geralmente pouca ou nenhuma atenção é dedicada a elas. A causa real é sempre "endógena" quando não são descobertos fatores reais de ordem exógena como nos casos devidos às infecções patogênicas ou às toxicofilias.

A filosofia behaviorista radical, portanto, julga que o recurso às explicações causais que apontam entidades imateriais, endógenas, intrínsecas etc., em verdade nada explicam. Simplesmente excluem a possibilidade de explicação criando ficções que permanecem em voga enquanto a ciência não descobre a causa real. Portanto, o comportamento humano adequado ao ethos vigente em um dado ambiente social, ou o comportamento desviante, são sempre causados por esse próprio ambiente ao agir sobre o equipamento reacional próprio da espécie, o qual é herdado geneticamente.

#### b) A Sociedade

O Behaviorismo Radical não apresenta uma definição conceitual de sociedade. Na verdade Skinner apresentou em Walden Two (1948) uma descrição de uma sociedade planejada segundo os princípios operantes, e em obras como Beyond Freedom and Dignity (1971) e Reflections on Behaviorism and Society (1978) ele sugere abordagens a problemas sociais prementes da atualidade partindo dos pressupostos fundamentais do Behaviorismo Radical.

Todavia pode-se deduzir ou verificar diretamente em seus livros e artigos os aspectos infra relacionados que expressam a perspectiva segundo a qual Skinner analisa a sociedade:

1º) A sociedade é uma realidade natural complexa onde as "Pessoas são governadas, no sentido mais amplo, pelo mundo no qual elas vivem, particularmente pelos seus meios sociais" (1978, pág.8). A sociedade é a

soma das pessoas, ou seja, é o conjunto dos indivíduos com suas características que foram forjadas pelo próprio ambiente cultural no qual eles foram criados.

2º) A cultura é o aspecto determinante do comportamento social. Isto fica evidenciado pela afirmativa: "Era, antigamente, costume dividir o meio social em três partes: 1) o Estado (o governo no sentido restrito, baseado no controle aversivo), 2) a economia (baseada na produção e troca de mercadorias reforçadoras), e 3) a cultura, ou todas as outras contingências de reforçamento mantidas pelo grupo - nas práticas familiares, rituais religiosos, artes, ofícios e assim por diante. É provavelmente impossível manter esses campos separados, e em seu uso moderno o termo cultura cobre todos eles" (1978, págs: 8 e 9). Para Skinner a sociedade é o ambiente criado pela cultura na qual as contingências de reforço são mantidas pelos indivíduos e pelas instituições. Desta forma "é então óbvio que o controle permanece com as pessoas".

3º) A sociedade deve ter sua direção, governo ou controle descentralizado. É incoerente delegar o controle a instituições políticas e econômicas, desdenhando-se o controle face-a-face e depois "supor que nós o recuperaremos ao restringir a liberdade de ação daqueles aos quais o mesmo foi delegado" (1978, pág. 9).

Desta forma, descentralizando o poder, reforçando-se as relações interpessoais é que se atingirá o desiderato tão decantado pelos liberais-democratas. A reação ao controle aversivo é muito mais eficiente quando tal se dá diretamente, sem instituição intermediadoras. Segundo os padrões do Behaviorismo Radical as relações de produção e troca tem que ser reduzidas ao nível pessoal para que o homem possa sentir-se reforçado diretamente pelo produto do seu trabalho e pelas trocas que o mesmo poderá realizar com o fruto do seu esforço. Neste ponto é inevitável que façamos uma comparação desse desiderato (algo utópico tendo em vista como se dão as relações de troca no mundo moderno, isto é, baseadas em crescentes níveis industrialização, maquinização e internacionalização dos padrões de consumo) do Behaviorismo Radical e a posição marxista que denuncia a desumanização representada pela alienação do homem em relação ao produto do seu trabalho.

4º) Finalmente chega-se ao ponto central do pensamento skinneriano sobre a sociedade: esta tem que ser planejada segundo uma engenharia comportamental, pois a sociedade é uma realidade natural e portanto uma engenharia comportamental baseada na análise experimental do comportamento deve ser construída para recuperar o bem estar e segurança do homem no nosso planeta.



### 3 - A QUESTÃO DO CONTROLE

#### a) Liberdade

Ao analisarmos a concepção do homem segundo o Behaviorismo Radical vimos que o mesmo é controlado pela história filo e ontogenética: o mesmo não é o agente criativo e iniciador dos fatos nos quais ele próprio está envolvido. A luta pela sobrevivência imprimiu no código genético a compulsão de afastar-se dos estímulos adversos e de aproximar-se dos que causam um efeito semelhante aos que, no passado, garantiram a sobrevivência da espécie. Por outro lado este aspecto intrínseco e inato, pressionado pelas contingências históricas individuais, vai formando o equipamento reacional peculiar do indivíduo o qual, paulatinamente, vai-se tornando um ser com características próprias: ele é socializado. Destarte ele, inversamente ao que afirmam as correntes contrárias ao Behaviorismo Radical, não se torna e sim é tornado uma pessoa.

Vemos assim que o indivíduo, na luta pela vida, depara-se com duas realidades: primeira - a sua condição biológica que lhe é imposta pelas características herdadas geneticamente; e segunda - a realidade social que lhe é imposta pela cultura na qual nasceu.

O Behaviorismo Radical considera que enquanto os geneticistas não conseguirem atingir maior sofisticação em suas pesquisas, as condições biológicas continuarão a exercer inexoravelmente sua função mantenedora das características da espécie. Por enquanto o homem não pode fugir da sua própria natureza biológica. Exetutando-se as, se é que significativas,

mudanças mais conspícuas no comportamento sexual manifesto de um pequeno segmento da população rica de alguns países desenvolvidos - o que foi provocado pela descoberta dos anti-concepcionais - nada mudou na fisiologia humana desde o aparecimento da espécie no planeta.

Entretanto desde o surgimento do homem, incríveis modificações foram introduzidas pelo mesmo no ambiente físico e social que o cerca. Embora os tropismos naturais o conduzam a ser atraído ou fugir/esquivar-se de aspectos que respectivamente, garantam ou ameacem sua sobrevivência, tais comportamentos de aproximação ou repulsão não se dão todos segundo o mesmo padrão reacional: e aqui está a diferença fundamental entre o comportamento preconizado pelos adeptos da chamada escola clássica e os da operante.

Segundo Skinner (1971) a natureza ao dotar o homem de uma capacidade reflexa inata de reação a estímulos simples aversivos ou ameaçadores, ela dotou-o de mecanismos automáticos adequados à manutenção de sua própria segurança. Isso é o que ocorre "quando ao ser aprisionadas as pessoas lutam ("com violência") e tentam libertar-se". Na verdade, automaticamente contraímos os músculos do braço à uma alfinetada, tossimos ou espirramos quando algo extranho penetra nas vias nasais, etc..É, tal reação, uma forma de livrar-se ou libertar-se dessas influências sentidas como ameaçadoras. Entretanto qualquer objeto ou evento que aleatoriamente participe da situação ambiental no momento em que o fato desagradável ocorra, pode adquirir a propriedade de elicitar a reação que era devida à estimulação nociva. Ou seja, algo que não exerceu qual-

quer papel na história evolutiva da espécie, passa a exercer uma forma de controle na vida do indivíduo por puras circunstâncias (aleatórias ou não) ambientais. "Embora, sem dúvida alguma, estes sejam exemplos secundários de luta pela liberdade, não deixam de ser significativos" (pág.25).

Isto significa que há um controle automático da natureza sobre o indivíduo, mas que este também, da mesma forma, age reflexamente para escapar ao controle aversivo que lhe foi imposto.

Então prossegue Skinner (1971): "Diferentemente, o comportamento que reduz estímulos prejudiciais exerce um papel bem mais importante. Não é adquirido sob a forma de reflexos condicionados, mas como produto de um processo diverso de nominado condicionamento operante. Quando um dado comportamento é seguido por uma dada consequência, apresenta maior probabilidade de repetir-se" (pág.25). Neste caso o indivíduo antecipa um comportamento para receber um reforço: não devido a uma intenção prévia de atingir o reforço; mas sim devido ao controle exercido pelo efeito do primeiro reforço que foi-lhe facultado após ter ele executado a primeira performance. Neste caso o controle também existe mas o comportamento é operante, isto é, o indivíduo opera, às vezes modificando o próprio meio, para ser reforçado. Esta sutileza natural faz com que o homem ao procurar uma sombra para fugir do sol, ao proteger-se da chuva sob uma árvore, ou ao apressar-se para chegar ao seu destino antes que ela caia, creia que ele voluntariamente busca tais proteções.

Isto significa, entretanto, simplesmente que o controle foi exercido de forma indireta e menos categórica que o tipo de controle anterior.

Desta forma o Behaviorismo Radical considera que há duas formas gerais de escapar às consequências adversas de controle: comportar-se reflexa ou operantemente. Entretanto isso não significa que não haja formas de controle que não gerem oposição ou qualquer tipo de reação agressiva por parte dos controlados. É o que ocorre quando o controle é exercido por reforços positivos para suprimir reações de oposição ao controle que se quer manter (neste caso é possível a ocorrência de reações agressivas de oposição a médio ou longo prazo) ou ainda para manter um comportamento em troca de pequeno reforço. Para tal o uso de esquemas de reforços intermitentes são aplicados com maior sucesso do que os de razão ou intervalo fixo.

Em alguns casos o controle é baseado no reforço positivo, especialmente quando os reforços oferecidos são menos conspícuos; então o indivíduo controlado pode julgar que ele "se decidiu" ou agiu "intencionalmente" ao escolher a opção mais reforçadora. Mas o que os tradicionalistas chamaram de luta pela liberdade é um problema gerado pela necessidade humana de fugir ao controle baseado em práticas aversivas. Para o Behaviorismo Radical não há o "livre-arbítrio" ou "vontade livre" etc.

Skinner (1971) cita exemplos onde o controle é mascarado de forma a evitar reações de oposição no controlado:

1º) O "agricultural adjustment act" que em plena depressão da década de 30, época de grandes privações sociais, "convidou" os agricultores a reduzir a produção de alimentos mediante "pagamentos de rendas e incentivos". A Suprema Corte após admitir que o incentivo positivo poderia ser tão irresistível quanto à coação, voltou atrás em sua decisão ao afirmar que "sustentar que o motivo ou tentação equivale à coerção é mergulhar o direito em dificuldades sem fim".

2º) O caso quando o governo cria uma loteria para arrecadar mais impostos. Neste caso os contribuintes pagam a mesma coisa ou mais ainda do que pagariam no processo normal de tributação. Só que os que jogam na loteria, geralmente querendo enriquecer, não são necessariamente as pessoas que deveriam pagar impostos.

3º) O fato ocorrido quando o governo (americano) "convidou" detentos para servirem como "voluntários" em experimentos possivelmente perigosos, mediante comutação ou redução de penas, ou ainda em troca de melhores condições de vida. Neste caso as penas aplicadas, sua redução ou comutação e a natureza dos riscos de vida ou danos à saúde dos prisioneiros testados nos experimentos, era decidido pelo Estado. Onde estaria pois sua liberdade de escolha?

Skinner cita Leibnitz e Voltaire que basicamente dizem a mesma coisa ao definir "a liberdade como poder fazer o que se deseja". Mas, diz Voltaire, "não consigo me impedir de querer o que desejo".

Não há dúvidas quanto ao sentimento das pessoas ao quererem algo que lhes falta. As pessoas querem e sentem que querem. Mas "o que uma pessoa sente ao se perceber querendo alguma coisa, depende das circunstâncias"... desta forma "não é o sentimento o motivo que leva a pessoa a agir para conseguir o que quer. Certas contingências suscitam a probabilidade do comportamento e, ao mesmo tempo, criam condições que podem ser sentidas. A liberdade é uma questão de contingências de reforço, e não de sentimentos que as contingências geram" (pág.34).

#### b) A Dignidade

O Behaviorismo Radical vê a dignidade do ser humano como um mito semelhante ao que foi criado em relação à liberdade.

Skinner (1971) diz que "a liberdade é um problema suscitado pelas consequências adversas do comportamento, mas a dignidade diz respeito ao reforço positivo. Quando alguém age de determinado modo que consideramos reforçador, aumentamos as probabilidades de que venha a agir novamente assim, por meio de louvores ou de aprovação" (pág.39).

Desta forma a dignidade nada mais é senão um subproduto dos esquemas de reforçamento. Quanto menos visível o reforço aplicado para controlar um comportamento desejável mais digna de louvor e admiração é a pessoa. Isto traz conse-

quências, algumas das quais desastrosas, como veremos abaixo:

1º) Se uma pessoa é digna por que realiza trabalho útil à sociedade aparentemente sem receber reforço positivo é conveniente que não a forcemos visivelmente para não diminuir sua dignidade.

2º) A supressão ou diminuição de reforços simples e sua substituição por reforços condicionados, que são menos poderosos que os simples, tende a enfraquecer o comportamento dito digno. Exemplifica Skinner com a situação do professorado, categoria profissional "muito digna" que por séculos não foi remunerada.

3º) A busca da dignidade contribui para a manutenção da causalidade dos comportamentos desejáveis num limbo misto de mistério provocado pela ignorância natural e pela decorrente da ocultação deliberada dos motivos reais que explicariam o comportamento dito digno.

4º) A luta pela liberdade, isto é, para minimizar os aspectos adversos da vida diária vem a conflitar com a manutenção do mito da dignidade. Isto significa que a luta para que o homem trabalhe recebendo remuneração justa ou sob condições menos árduas, tira-lhe seu valor ou dignidade; e é por isso que há considerável parcela de pessoas que sistematicamente ou confusamente se opõem ao progresso nas artes e ciências sob alegação de que as conquistas tecnológicas vulgarizam as coisas e o homem que as produz.

Portanto a literatura da dignidade, na visão de Skinner (1971) "diz respeito à preservação do louvor devido a alguém. Pode se opor aos avanços na tecnologia, inclusive a uma tecnologia do comportamento" (pág.50) porque esta desmitificaria a dignidade tirando do homem a oportunidade de ser louvado ou admirado por seus inexplicáveis feitos. Assim sendo o culto à entidades míticas como a liberdade e a dignidade propiciam a manutenção do status quo que impede a aceitação de tecnologias as quais realmente libertariam o homem das condições de vida adversas que imperam em três quartas partes do planeta.



#### 4. O BEHAVIORISMO RADICAL COMO FILOSOFIA DE UMA CIÊNCIA DOS VALORES

Para Skinner o comportamento é função da evolução da espécie (filogênese) e da evolução do indivíduo (ontogênese). Os fatores que foram úteis à sobrevivência da espécie foram incorporados ao código genético. Alguns desses comportamentos, talvez a maioria, continuam sendo úteis, enquanto que outros, já inúteis ou até perniciosos à propagação da espécie devido às mudanças ocorridas no ambiente, permanecem no repertório herdado geneticamente. Esses comportamentos são reforçados automaticamente pela própria natureza. Essa susceptibilidade aos reforços positivos e negativos e aos eventos punitivos levam os organismos em geral a procurar os elementos que são ou foram úteis à sobrevivência da espécie e a se afastar dos que foram nocivos.

O homem por suas características físicas especiais conseguiu criar uma tecnologia que lhe veio sendo útil durante a evolução da vida no planeta. Tal tecnologia veio acelerando a criação de objetos que lhe são altamente reforçadores. O homem chegou a desenvolver tecnologias específicas para criar mais e melhores artefatos para seu uso. Tais artefatos, tecnologias e serviços criados pela Física, Química, Biologia, etc. não são estudados pela ciência do comportamento, "mas seus efeitos de reforço pertencem ao campo dessa ciência". Portanto a ciência do comportamento é uma ciência dos valores (1971, pág. 85).

A colocação, feita por Skinner, do comportamentismo como uma ciência dos valores deve ser compreendida no sentido que devemos tomar a análise experimental do comportamento como sendo tal ciência, pois como ele mesmo repetidamente afirma, o behaviorismo radical é a filosofia dessa ciência.

Nossa posição é que assim como Destutt de Tracy criou a Ideologia, a qual nasceu pretendendo ser uma ciência "da formação das idéias", Skinner criou a análise experimental do comportamento para ser a ciência que estuda a formação dos valores no indivíduo através da história de reforçamento.

CAPÍTULO IICRÍTICA AO CONCEITO BEHAVIORISTA RADICAL DE CIÊNCIA DO  
COMPORTAMENTO.

A premissa básica do behaviorismo skinneriano exposta em Science and Human Behavior (1953) estabelece que há uma porção do mundo a qual está em nós próprios, isto é, nosso corpo é também parte do mundo e como tal faz parte da natureza, e em sendo parte dela ele pode e deve ser estudado cientificamente. Mas o estudo do corpo humano deve ser feito segundo os princípios que regem as ciências naturais. Segundo Skinner a psicologia deve ser incluída entre as ciências biológicas, entretanto sem que se a considere como uma espécie de fisiologia. Ela trata apenas dos aspectos comportamentais para as quais a fisiologia atual não tem resposta, mas que podem ser analisados em função dos eventos que lhes sejam antecedentes e consequentes.

Na verdade, o centro do debate sobre o objeto, pressupostos e métodos da ciência do comportamento é o de determinar se tal ciência pode ou não ser constituída e desenvolvida como uma ciência da natureza.

Com base na versão do comportamentismo de Skinner contida em Science and Human Behavior (1953) podemos afirmar que considerar que a psicologia é uma ciência da natureza implica em:

- a) aceitar que o comportamento é uma realidade natural semelhante aos fatos estudados pela física, química, biologia, etc.
- b) aceitar que o comportamento tem causas materiais quantificáveis como ocorre com as outras ciências naturais supra citadas.
- c) ter que se restringir aos métodos próprios das ciências naturais usando a observação e experimentação empírica de fatos públicos.

Entretanto, é o próprio Skinner que ao definir o behaviorismo Radical em About Behaviorism (1974) defende as seguintes posições:

- a) renega a redução do comportamento a outros níveis de observação pregando que o mesmo deve ser observado molarmente e não molecularmente, sem reduzi-lo (pelo menos no atual estágio de desenvolvimento das ciências biológicas) a outros aspectos que não sejam outros comportamentos ou eventos antecedentes e consequentes.

b) Nega que as causas antecedam e sejam independentes dos fenômenos que se lhes seguem como ocorre com as outras ciências, ou seja, para o Behaviorismo Radical a causa dos comportamentos são os efeitos que se lhe seguem e, por outro lado, mesmo quando é identificável uma causa ou "estímulo" externo este só age em consonância com os estados individuais específicos, por exemplo, a comida não é isoladamente a causa do comportamento comer . É preciso que o indivíduo esteja privado de comida ou "com fome" para que ele coma.

c) O Behaviorismo Radical, ao aceitar a introspecção como método nega que a observação do comportamento deva ser realizada nos moldes do que é feito nas demais ciências naturais, as quais negam a possibilidade de análise subjetiva.

Como consequência da contradição existente entre o que pressupõem as ciências naturais como método e o que postula o Behaviorismo Radical, conclui-se que o mesmo não pode ser considerado coerente com o desiderato de Skinner de querer fazer da Psicologia uma ciência natural. Essa ambiguidade do pensamento Skinneriano, faz com que os argumentos críticos levantados por outros autores frequentemente se apliquem a uma dessas duas versões da sua concepção de ciência.

Desta forma Mc Call (1972) afirma que "Skinner principia como um reducionista metodológico para coletar dados, mas rapidamente se converte em reducionista metafísico, que tornando-se dogmático (grifo nosso) passa a

apreciar somente os dados que estejam de acordo com a sua concepção viesada" (pág.132).

Além de Mc Call outros autores como Chomsky (1971) reafirmam o caráter dogmático do discurso de Skinner ao afirmar que "a tarefa de uma análise científica é explicar como o comportamento de uma pessoa como um sistema físico está relacionado às condições sob as quais a espécie humana evoluiu e às condições sob as quais o indivíduo vive" (pág.132 ). Para Chomsky, até o presente momento nenhuma evidência foi dada pela análise experimental do comportamento de que a afirmativa de Skinner tem validade científica. Muito pelo contrário isso não foi provado ainda e "seguramente nenhum cientista seguiria Skinner em insistir a priori na necessidade de que a investigação científica conduzirá a uma conclusão especificada por antecipação"(pág. 62 ). A tarefa da análise científica não é como Skinner acredita - demonstrar que as condições às quais ele restringe sua atenção determinam (grifo nosso) completamente o comportamento humano, mas, muito mais, descobrir se de fato elas assim o fazem (ou se elas são realmente significativas), o que é um assunto muito diferente. Se elas não são, como aliás parece plausível, "a tarefa de uma análise científica" será classificar o assunto e descobrir uma teoria explanatória inteligível que lide com os fatos reais (...) ainda mais que ele (Skinner) é dado a estranhos pronunciamentos tais como a afirmativa de que "as leis da ciência são descrições de contingências de reforçamentos" - a qual eu, com toda a satisfação, deixo para outros decodificarem" (págs. 62,63).

Outra das críticas referentes ao Behaviorismo Radical como filosofia de uma ciência do comportamento, diz respeito à posição determinista adotada por Skinner. Entretanto cumpre notar que o pensamento skinneriano também apresenta ambiguidade nessa área. Pois, se por um lado ele defende uma posição filosófica determinista, e é dessa posição que aqui iremos tratar, por outro lado o seu modelo de pesquisa é fundamentalmente probabilístico. Contudo, as críticas à posição skinneriana centram-se no aspecto determinista da sua filosofia expressa. Como vimos anteriormente, Chomsky acusou-o de restringir sua atenção a aspectos que ele dogmática e aprioristicamente afirma determinarem completamente o comportamento humano. Carpenter (1974), ao analisar criticamente a posição behaviorista radical em face ao debate desencadeado após Beyond Freedom and Dignity realizou um trabalho acurado e profundo sobre o determinismo inerente à filosofia skinneriana analisando suas consequências quanto aos diversos sentidos com os quais o conceito de liberdade é compreendido pelo ser humano.

Após analisar treze diferentes aspectos com os quais o conceito de liberdade pode ser tomado Carpenter diz que não há porque devamos aceitar o determinismo em relação à conduta humana quando "mesmo na ciência o princípio de determinação não pode ser sempre bem sucedido como mostrado pelo princípio de Heisenberg... o determinismo não é sempre factível na ciência da Psicologia" (pág.78). Carpenter, para ilustrar o seu ponto de vista quanto à indeterminação em relação ao comportamento humano diz que "Bohr e talvez a maioria dos outros físicos, discordam da interpretação determinista" (pág.69).

Carpenter faz extensas citações e comentários a respeito da teoria da relatividade de Einstein para explicar a impossibilidade de haver previsão da velocidade e posição de uma partícula simultaneamente quando ela se desloca no espaço a grande velocidade porque o sistema usado para realizar a observação interage com ela havendo troca de energia o que impede a precisão das medidas. Dessa forma, como não se pode medir a posição e velocidade de uma partícula subatômica (ou de qualquer corpo celeste que igualmente se desloque a grande velocidade) com precisão em um dado tempo é impossível realizar com certeza absoluta uma previsão sobre em qual ponto da trajetória a partícula se encontrará em um tempo futuro. "Neste caso, quanto mais precisamente medirmos a posição da partícula maior será o erro na medida da velocidade e vice-versa; e a precisão na medida de um parâmetro é inversamente correlacionada com a medida do outro. Heisenberg expressou essa relação matematicamente no princípio de indeterminação" (pág. 69).

Na opinião de Carpenter, se os cientistas não podem sustentar como factível a medição e previsão precisas de um fenômeno físico evidente por si (isto é, que atende ao requisito de identificabilidade e mensurabilidade das variáveis que nele influem) mesmo, falta-lhes a indispensável base empírica para afirmar que esse fenômeno seja determinado. "É mais sensato então aderir ao indeterminismo do que aderir rigidamente ao determinismo; a evidência não dá suporte, e não pode dá-lo, ao determinismo" (págs. 69,70).



Se não há, mesmo na física, a ciência natural por excelência, base para afirmativas categóricas com base no princípio de determinação, é preferível abdicar do mesmo nas ciências do homem.

Na opinião de Arnold Toynbee a mais séria consideração deve ser dada a uma doutrina cujo formulador vê nela meios de salvar a humanidade de um holocausto nuclear iminente e de resguardar a própria sociedade de ser tratada pelo próprio homem com uma injustiça cruel.

Segundo o historiador e filósofo inglês, não há dúvida que, como é do conhecimento geral e não somente dos círculos científicos e acadêmicos, o nosso comportamento é determinado em uma extensão muito maior do que gostaríamos de admitir, por nossa herança genética e pelo nosso ambiente social.

Aceita-se atualmente que o código genético do ser humano contenha informações genéticas tão velhas quanto a própria vida deste planeta... mas, a possibilidade de mudar essa codificação milenar, alterando a relação e transmissão de genes tendo-a sob controle é uma possibilidade não tão fantástica quanto era a algumas décadas atrás quando isso foi proposto como um jeu d'esprit por Aldous Huxley em sua obra O Admirável Mundo Novo .

"O livro concerne principalmente com o controle e manipulação do meio social e isto é razoável; pois é fato indisputável que somos animais sociais e é provável que nossos ancestrais já fossem animais sociais bem antes de que eles se desenvolvessem em seres humanos... é reconhecido que o efeito relativo do meio social no comportamento é tão maior em

humanos do que em qualquer espécie de criaturas viventes e que isto se agiganta como uma das maiores características do homem" (pág.114).

Todavia Toynbee "concorda apenas parcialmente" (Sic) com os behavioristas. Diz ele discordar dos behavioristas quando eles afirmam "que o comportamento é completa e exclusivamente determinado pelo meio e hereditariedade" (pág.120).

Como vemos, o princípio de determinação quando aplicado à ciência do comportamento humano leva a que pessoas como Toynbee recuem no último segundo "a não fechar a porta de trás" ao princípio de indeterminação. A maioria dos críticos, mesmo os mais sofisticados como Toybee, aceitam que "embora nosso comportamento seja determinado em uma extensão muito maior do que gostaríamos de admitir", é extremamente penoso, ou, usando o jargão behaviorista, extremamente aversivo aceitar que as ações humanas são inteiramente controladas pela natureza física, isto é, biológica, e pelo meio social.

Assim sendo vários autores, ao criticar a fundamentação filosófica da ciência do comportamento humano de Skinner, apelaram explicitamente para a teoria da relatividade ou limitaram-se a alegar que a física newtoniana é uma teoria limitada a certos fenômenos que ocorrem neste nosso planeta.

Isto nos leva a citar Russell (1974) o qual, no último capítulo do seu livro sobre a teoria da relatividade, analisa as consequências filosóficas da mesma.

Russell afirma que a teoria da relatividade não elimina a controvérsia entre diferentes posições filosóficas como o realismo e o idealismo. "Alguns acham que ela apoie o ponto

de vista de Kant de que o espaço e o tempo são "subjetivos" e "formas de intuição". Creio terem essas criaturas sido conduzidas ao erro pela maneira de os que escreveram sobre relatividade se referirem ao "observador". É natural supor que o observador seja um ente humano, ou, pelo menos uma mente; mas existe igual possibilidade de que seja uma chapa fotográfica ou um relógio (...). A "subjetividade" de que trata a teoria da relatividade   física e existiria independentemente da existência ou não, no mundo, de coisas como mentes ou sentidos. Mais ainda, é uma subjetividade estritamente limitada. A teoria não diz que tudo é relativo; ao contrário, fornece uma técnica para distinguir o que é relativo do que pertence de direito a uma ocorrência física. Se dissermos que ela apoia Kant no tocante ao espaço e ao tempo, teremos de dizer que o refuta quanto ao espaço-tempo. A meu ver nenhuma das duas afirmativas   correta. Não vejo razão alguma para que os filósofos não se atenham, em tais questões, aos seus pontos de vista anteriores. Não houve argumentos conclusivos de nenhuma das partes, e não os há agora; a defesa de qualquer desses pontos de vista revela mais temperamento dogmático do que científico" (págs. 207, 208).

Como sabemos Bertrand Russell foi um dos maiores matemáticos deste século, senão de todos os tempos. Sua inteligência privilegiada permitiu-lhe influenciar estudiosos de diferentes áreas do conhecimento humano, como sejam, na Educa o, Matemática, Física, Política ou Psicologia. É considerado um dos pais da Informática. Entretanto foi sempre um liberal e pacifista apaixonado. Skinner foi influenciado por ele. Entretanto o liberalismo de Russell não o impediu de fazer

uma análise pertinente da teoria da relatividade nem de aceitar, ou melhor, aconselhar maior prudência aos liberais exaltados que, sem muito bem terem entendido a teoria da relatividade, apressaram-se a declarar o fim da física newtoniana. Russel diz e o senso comum do leitor confirma a cada instante, que para o uso diário dentro deste planeta, seja para construir uma ponte ou atirar uma pedra à distância, as leis da física newtoniana são perfeitamente válidas. O fato do surgimento de uma teoria mais adequada ao trato de problemas mais específicos como o lançamento de foguetes interplanetários ou o estudo de partículas subatômicas, não faz com que sejamos obrigados a renunciar a outros modelos aplicáveis a outros problemas. Nem a física newtoniana serve para a pesquisa nuclear, nem a teoria da relatividade tem aplicação na construção de uma casa popular. São ambos modelos teóricos distintos aplicáveis a problemas diferentes. Uma não elimina a outra. Cada modelo teórico é aplicável com maior ou menor rendimento prático dependendo do tipo de problema em estudo. Dessa forma Skinner veio a sugerir apenas que se tentasse a aplicação do princípio de determinação ao estudo do comportamento humano para verificar se tal prática seria mais adequada a solucionar problemas prementes da sociedade atual. É inegável que a física de Aristóteles não teria contribuído para a Revolução Industrial como o fez a física newtoniana. Mas foi esta última que ao contribuir para a Revolução Industrial indiretamente contribuiu para agravar os problemas de equilíbrio entre o poderio de nações industrializadas e subdesenvolvidas.

Russell conclui seu livro dizendo: "A conclusão final é que conhecemos pouquíssimo, sendo, contudo, surpreendente que conheçamos tanto, e mais surpreendente ainda que tão pouco conhecimento nos possa proporcionar tamanho poder". Mas poderíamos perfeitamente acrescentar: Um poder que atualmente ameaça destruir toda a humanidade.

Além das críticas relativas à posição determinística tomada por Skinner para tratar o estudo do comportamento humano, outra que é-lhe feita é a relativa ao modelo científico dentro do qual ele desenvolveu as suas pesquisas.

Vários autores fazem interessantes observações quanto ao modo pelo qual Skinner encara a necessidade do estabelecimento de uma teoria como base para fundamentar a pesquisa científica.

Koch (1973), além de criticar asperamente os aspectos filosóficos da posição adotada por Skinner, estende para toda a psicologia a alegação segundo a qual o behaviorismo carece de um modelo científico coerente. Segundo ele, a psicologia não "é uma só disciplina e nem mesmo um conjunto qualquer de especialidades que possa ser, em princípio, tornado coerente" (pag. 87) e ela deveria ter suas partes incorporadas a outras ciências.

Por exemplo, a psicobiologia deveria ser incorporada à biologia, a psicolinguística à linguística, etc. É interessante notar que Skinner diz que a psicologia, sem dúvida, é uma das ciências biológicas. E Freud também sempre recomendou que se estudasse a fisiologia para que se compreendesse o funcionamento do cérebro, o locus da mente.

Day (1969) ao apresentar as similaridades existentes entre as obras de Wittgenstein e Skinner, refere-se ao modo de ambos encararem o seu trabalho. A maioria dos críticos ao analisar a obra de Wittgenstein e Skinner caracterizam suas produções como tendo uma natureza descritiva e não explicativa. "Entretanto, um número de psicólogos tem achado difícil

concluir que o sistema de Skinner seja puramente descritivo como se poderia esperar" (pág.502). À seguir Day transcreve literalmente todo um parágrafo o qual contém comentários de Chaplin e Krawiec sobre a natureza do modelo de ciência adotado por Skinner. Nesses comentários os autores afirmam que apesar do viés de Skinner contra a teoria, ele e outros psicólogos que tentaram organizar e sistematizar os dados relativos ao comportamento humano, tiveram que recorrer finalmente à teoria para poder preencher as lacunas frequentes em nosso conhecimento as quais nos impedem de compreender nosso próprio comportamento.

"Nós não queremos dizer, afirmam Chaplin e Krawiec, que Skinner tenha caído naquilo que ele próprio considera os 'erros' tradicionais de procurar explicações no sistema nervoso por um lado, ou apelar para variáveis intervenientes por outro. Na verdade o ato de teorizar de Skinner toma duas formas: Primeira, ele aceita o arcabouço já pronto da teoria do condicionamento como a moldura estrutural de seu sistema, e, em segundo lugar, ele, por um processo de raciocínio lógico quer extrapolar os princípios do condicionamento operante para problemas da vida diária do comportamento humano. E isto, nós afirmamos, é teoria".

Embora Day não comente as afirmativas de Chaplin e Krawiec, nós julgamos ser conveniente observar que o trabalho de Skinner ao propor o modelo operante, justamente reagiu ao 'arcabouço já pronto' da teoria do condicionamento reflexo. Esta observação faz-se necessária para que não se persista no comportamento de fazer comentários superficiais

sobre o behaviorismo como se todo o movimento não tivesse sérias dissensões entre seus adeptos.

Entretanto pode-se perfeitamente afirmar que quando Skinner diz que a maioria dos comportamentos humanos são operantes e que apenas uma pequena parte é reflexa, ele esteja teorizando.

Quanto à observação segundo a qual ele usa o raciocínio lógico para extrapolar do laboratório para a vida diária, essa crítica é válida.

Na verdade o que podemos dizer é que:

1º) A análise experimental do comportamento, como uma ciência do comportamento humano ou animal, ela é em princípio descritiva; e dentro dos próprios limites impostos pelo rigor metodológico adotado, ela tem sua capacidade preditiva reduzida. Ou seja, pode-se prever perfeitamente o que ocorrerá dentro da situação laboratorial, que é controlada, mas em ambientes não controlados a possibilidade de previsão será tanto menor quanto maiores forem as diferenças existentes entre o ambiente real e a situação laboratorial.

2º) O Behaviorismo Radical, como filosofia da ciência do comportamento, procura preencher as lacunas que uma análise puramente experimental deixam em aberto quando queremos compreender o ser humano como pessoa. Contudo o Behaviorismo Radical deveria implicar um enfoque metodológico que pelo menos até o momento ainda não foi desenvolvido.

CAPÍTULO IIICRÍTICA À VISÃO DE HOMEM DO BEHAVIORISMO RADICAL

A argumentação contrária à visão do homem do Behaviorismo Radical é vasta. Embora ela parta de diversos setores da sociedade, a argumentação apresenta diversos ângulos ou facetas de um ponto central do Behaviorismo Radical que é a colocação da causalidade do comportamento na história filogenética (a qual não foi, obviamente, influenciada pelo indivíduo real que se está considerando) e nas contingências ambientais dentro das quais deu-se o desenvolvimento daquele ser em discussão.

O otimismo mesológico do Behaviorismo Radical levou a que autores como Chomsky (1971) alegassem que a visão do homem como um ser excessivamente maleável favorece a que sejam adotadas práticas manipulativas que retiram do homem sua característica essencial que é a sua capacidade intrínseca de pensar e decidir sobre seu próprio destino. Se aprioristicamente consideramos o homem como um ser destituído de propósitos ele pode e/ou deverá ser moldado ao gosto daqueles que detiverem o poder de manipulá-lo. Desta forma a pretensa maleabilidade humana servirá a propósitos totalitários ou libertários, podendo vir a ser usada como base ideológica por qualquer tirano que atinja o poder. Mas "o fato da mesma ser vista como uma seta para o caminho de 1984, é talvez uma sugestiva indicação de certas tendências da moderna sociedade industrial. Há pouca dúvida de que uma teoria da maleabilidade humana possa ser posta a serviço de uma doutrina totalitária"(pág.59).



Para Chomsky tal possibilidade é altamente plausível por que no século passado "uma voz do liberalismo britânico descrevia o homem chinês como uma raça inferior de orientais maleáveis... e tal assertiva convinha aos interesses de manter seu domínio colonial" (pág.58). Da mesma forma o Darwinismo social, hoje totalmente desacreditado, foi no século passado, altamente conveniente aos interesses coloniais dos europeus em geral de divulgar teorias que dessem respaldo ao seu poderio militar e político sobre os povos da Ásia, África e América.

A alegada maleabilidade, além de contrária aos interesses humanos, é falsa, segundo Chomsky porque:

1º) Se a tecnologia comportamental ainda não foi aplicada a nenhuma sociedade, por ser ainda uma proposta, se nenhum ser humano foi ainda totalmente educado em um ambiente planejado pela "engenharia social" qual a base científica que atesta a veracidade da premissa basilar do Behaviorismo Radical?

2º) Se os dados genéticos são importantes e se ratos, pombos e homens são seres de espécies de codificação genética totalmente diversa, qual a base científica para afirmar que eventos laboratoriais referentes a organismos simples em situações esquemáticas e artificiais possam servir de fundamento para generalizações amplas que sejam aplicáveis ao ser humano em sociedade?

3º) Como afirmar que o comportamento é função de variáveis externas e internas, as codificadas geneticamente, e negar que o próprio processo decisório seja uma capacidade adaptativa preservada filogeneticamente?

Sem dúvida a resposta a tais questões na opinião de Chomsky, é que a teoria defendida por Skinner, além de paradoxal, não tem base científica.

Uma extensão natural da crítica de Chomsky sobre a pretendida maleabilidade humana são as que acusam o Behaviorismo Radical de comparar o homem com uma "caixa preta, robot ou marionete". Os críticos que denunciam tais falhas na teoria do comportamento operante alegam que o ser humano tem uma rica vida mental não podendo ser comparado a uma pedra que é um ser inerte.

Chomsky reconhece que a física avançou ao rejeitar a suposição de Aristóteles segundo a qual as rochas desejam cair para unir-se com a terra, ou que os corpos em queda livre sentem um crescente júbilo ao aproximar-se do chão; pois, de fato, as pedras não tem tal desejo que influencie seu "comportamento". A despersonalização das coisas, retirando-lhes os "impulsos, vontade, sentimentos e propósitos" fez com que houvesse um progresso na ciência. Mas isso não dá base para Skinner concluir que "a ciência do comportamento progredirá quando ela parar de personificar as pessoas e evitar referências a estados internos" (pág.59 ). Para o argumento de Skinner ter alguma validade, Chomsky diz que é necessário que fique provado que as pessoas não tenham mais vontade, impulsos, sentimentos propósitos e outros sentimentos assemelhados, do que as rochas. Mas se as pessoas diferem das rochas nesse sentido, então qualquer ciência sobre o comportamento humano terá de levar em conta esse fato, por que se não o fizer le-

vará toda a pretensa ciência a um fracasso total.

Scriven é outro autor que acusa o Behaviorismo Radical de "esvaziar" o homem; diz ele que o fato de a maioria dos comportamentos humanos poderem ser analisados molarmente, inclusive com possibilidade de serem explicáveis em termos de contingências de reforçamento não é incompatível com a noção de que há no ser humano uma vida mental rica e significativa. A atitude mais correta segundo Scriven é "aceitar ambos os tipos de explicação. Na verdade podemos explicar o fato de uma máquina automática ejetar uma barra de chocolate por referência à inserção de uma moeda por alguém na mesma, ou pela maquinaria interna da própria máquina. Uma explicação não exclui a outra" (pág.432).

Mc Call (1972) aponta outro aspecto da suposta vacuidade do ser humano ao acusar Skinner de apresentar uma versão mecanicista do homem, a qual o conduz ao engano de supervalorizar as possibilidades preditivas de sua teoria.

Pergunta Mc Call se "Skinner crê seriamente que algum dia nós estaremos em condições de prever o comportamento humano individual com uma probabilidade maior do que a que atualmente podemos constatar em predições grupais por coeficientes de correlação de, digamos, 0,80?" É o próprio Mc Call que responde à sua própria pergunta dizendo que as previsões para grupos, mesmo as de coeficiente de correlação igual a 0,80 (que são altas), deixam boa margem de comportamentos não previsíveis, o que evidencia a liberdade de decisão dos indivíduos do grupo. Diz ele que é como se "a própria consciência do homem de ser governado pelas probabilidades em uma situa-

ção pudesse operar como uma espécie de princípio de Heisenberg em um dado caso, inclinando-o a arriscar tudo assim e agir diferentemente do que o ditado pela resolução mecânica das várias forças que ele sente empurrando e puxando-o. Não é o princípio de causalidade que é trazido à baila neste tipo de análise, mas a versão reducionista, o princípio de causalidade mecânica ao qual Skinner é devotado". A extrapolação feita por Skinner a partir da sua análise científica do comportamento, continua Mc Call, "é em consequência apenas uma fantasia mecanicista que se levada muito longe e sistematizada muito rigidamente se torna uma espécie de grandioso delírio paranóide" (pág.132).

Enfim, se o homem individualmente tomado é um ser maleável e mecânico como um robot, se ele pode ser manipulado como um marionete ou caixa preta, segue-se a sociedade da qual ele participa será passiva e conformista. Esta foi a conclusão a que chegou Scriven ao estudar os relatos de pesquisas baseadas na teoria operante aplicada à recuperação clínica de pacientes internos em instituições psiquiátricas, Scriven (1972) observou que Winett e Winkler que criticaram a prática de estabelecer pautas de comportamentos pré-estabelecidos a ser desempenhados pelos sujeitos da pesquisa, por que tal procedimento eliminaria a criatividade e desenvolveria uma tendência ao conformismo. Segundo Scriven, Krasner e Krasner que realizaram o estudo de recuperação de pacientes baseado no estabelecimento de "metas comportamentais" (no original: "Target Behavior") reconheceram essa tendência, mas eles "não apresentaram nenhuma proposta para resistir, evitar, manejar ou substituir

essa tendência" (pág.433).

Concordante com a crítica de Scriven é a afirmativa de Mc Call (1972) que renunciaria a viver numa sociedade cujas leis garantissem de forma absoluta o prazer de a ela pertencer sem haver necessidade de que ele lutasse para merecer tal felicidade. "Mesmo se esta Nova Jerusalém tivesse um cientista como seu Messias e pudesse ter um ainda mais dedicado e dotado cientista como seu prefeito, isto seria na melhor das hipóteses em céu de robots, uma utopia pré-fabricada para semi-humanos operantemente programados" (pág.137).

Enquanto que os autores que citamos acima analisam a influência do social sobre o indivíduo sob a ótica da manipulação despótica outros, como Novack, o fazem segundo uma perspectiva mais condescendente.

Novack (1974) teólogo e professor de religião, embora seja contrário a alguns aspectos do Behaviorismo Radical, reconhece que do ponto de vista teológico, a posição skinneriana repousa sobre bases sólidas e tradicionais que remontam a Santo Tomás de Aquino.

Para Novack o aspecto do Behaviorismo Radical que é mais fundamentalmente congenial à filosofia cristã fundamental é a ênfase de Skinner no caráter social da existência humana. O individualismo que surgiu na renascença como antítese do universalismo da vontade divina que reduzia o homem ao pó, teve, à sua época, uma função renovadora e realmente ajudou no sentido de facilitar a livre circulação do conhecimento científico e artístico. Todavia, quinhentos anos após, o individualismo atingiu níveis insuportáveis ao convívio social provocando

nos próprios teólogos que norteiam os movimentos religiosos reações que procuram, em última instância, restaurar na humanidade uma nova ordem onde o social tenha uma conotação maior de solidariedade; ou seja, o indivíduo não venha a ser visto como o único responsável pelas suas vitórias ou fracassos: o movimento ecumênico é uma síntese universalista. A sociedade passa a ter, pelo menos, uma parcela de responsabilidade pela miséria ou grandeza do homem. Diz Novack: "Há uma crença universal nesta nação protestante<sup>1</sup>, de que o cristianismo é uma religião de individualismo, onde cada homem é seu sacerdote, cada consciência inviolável, cada pessoa uma fonte potencial de autonomia e dissensão. O princípio protestante está no cerne do período moderno" (pág.232).

---

1 - Novack está se referindo aos EUA, mas é obvio que tal crença existe também nos países socialistas onde o Cristianismo é proibido ou apenas tolerado.

Portanto a ênfase de Skinner na responsabilidade social, isto é da sociedade como meio social envolvente, é, no mínimo em parte, coincidente com o pensamento cristão fundamental e com os ditames do Concílio Vaticano II. Novack diz que:

Uma segunda razão pela qual muitos teólogos acham adequada a posição de Skinner concerne às imagens cristãs da Providência e graça. Para falar meramente de um ponto de vista tomista, nada de bom que um ser humano faça merece reconhecimento (no original: "credit"); tudo é graça. (A coisa mais infernal de Aquino, certa vez observou Chesterton, é que ele não deixa nada de que o homem possa se gabar). A liberdade do homem, sob este ponto de vista, é completamente condicionada:

- (1) ninguém escolhe seus pais, atuação econômica, ambiente infantil, nação de origem ou era histórica;
- (2) ninguém escolhe seus dados naturais (ou como diríamos genéticos);
- (3) ninguém escolhe a rede de circunstâncias na qual ele se encontra, ou as leis ou contingências que governam seu comportamento.
- (4) Ninguém escolhe os insights, aspirações ou inspirações que emergem em sua consciência.

Aquino observa que uma pessoa só pode se livrar das luzes e das necessidades internas, se lhe for dada a graça ou uma natureza grácil (pág.233).

Além de citar os dois aspectos em que o Behaviorismo Radical é congenial à filosofia cristã fundamental. Novack aponta outras características que não sendo negativas podem

ser consideradas positivas ou, no mínimo, neutras. Vejamos:

a) "A rejeição da realidade na qual figura um self autônomo, separado, não é em verdade peculiar a Skinner; e ela tem conexões com os pontos de vista orientais, os quais vêem a concepção ocidental de self como ilusória" (pág.234 ). Diz Novack que em verdade Skinner luta contra os poderes "mágicos" que o Calvinismo e o Individualismo Renascentista atribuem, o primeiro às "invisíveis e inverificáveis ações por parte de Deus" e, o segundo, "ao encanto mágico invisível e inverificável das ações de um self autônomo" (pág.235 ).

b) Consequentemente, a visão skinneriana está mais próxima de Aquino porque este diz que a graça opera devido a "causas secundárias", isto é, não "primeiras" ou divinas. A graça opera através de causas naturais e independentemente da qualidade do agente, isto é, se "boa" ou "má". No sentido bíblico os "maus" merecem também a graça devido às suas ações próprias. Há, em certo sentido, uma imparcialidade quanto ao agente. O que conta é a ação em si, e não a qualidade do autor. Neste caso, realmente, há uma maior aproximação do ponto de vista tomista à visão naturalista da ciência que é compartilhada por Skinner.

c) "O que eu quero mais enfaticamente ressaltar, diz Novack, é que o senso de realidade de Skinner, a estória que ele acredita estar vivendo o universo



(o que ele chama de "o quadro científico")<sup>1</sup> alcança o passado no tempo fazendo contato com uma visão ancestral. É como se o Renascimento fosse, não nos seus ganhos políticos mas no seu "quadro" filosófico, uma aberração temporária - um estágio necessário, talvez, mas um exagero magnífico" (pág.235 ). Embora Novack seja contrário a este aspecto do pensamento skinneriano, pois ele crê que é impossível "merely to go backwards intellectually", ele diz que "O fato espantoso é que as invenções e descobertas que eram destinadas a glorificar os humanos em sua autonomia individual nos regrediram tão rapidamente e tão inesperadamente a uma imagem quase tribal e seguramente comunal da nossa identidade" (pág.236 ).

d) Finalmente Novack reconhece que a polêmica de Skinner, contra o individualismo foi mais bem sucedida do que ele próprio poderia supor. "Eu noto por exemplo que os argumentos contra Skinner tendem a ser centrados não contra sua teoria científica, mas contra a sua visão de mundo. Poucos questionam a validade técnica de seu trabalho de laboratório, ou mesmo a teoria tecnicamente expressa interpretando-o. Muitos questionam verdadeiramente as extrapolações do professor Skinner a partir disso" (pág.237).

---

(1) No original "The Scientific Picture".

Skinner ao expor a filosofia inerente à sua teoria operante reconheceu não somente a existência como também a importância dos fenômenos privados aos quais é aplicável a análise introspectiva. Por isso Platt (pág. 36) diz que a acusação de que o Behaviorismo Radical equaliza o homem a uma "caixa preta" não tem fundamento. Platt diz que "O princípio do reforçamento não envolve nenhum conhecimento da estrutura interna ou estados do cérebro, ou mesmo da genética do organismo. Esses fatores, sem dúvida, limitarão ou guiarão as respostas de diferentes organismos ou o que eles podem ser ensinados a fazer, e Skinner discute certas respostas subjacentes de natureza evolutiva. Mas o reforço é um princípio geral de realimentação da relação organismo-meio ambiente, ao qual uma compreensão destes mecanismos internos é grandemente irrelevante" (pág.36).

Platt justifica a posição de Skinner alegando que a psicologia é o estudo do comportamento. Aliás quanto a esta posição convém lembrar que Freud ao adotar o método de associação livre na verdade estava tomando uma posição idêntica, isto é, deixando os estudos de funcionamento do cérebro responsáveis pelas associações para outras áreas de estudo do comportamento humano, como a fisiologia.

Platt diz que o verdadeiro campo da Psicologia é a atividade do homem como ser integral, enquanto que outros problemas podem ser deixados para a neurofisiologia ou genética.

Quanto às alegações que Skinner deixa um vazio ao recusar-se a estabelecer uma teoria explanatória a respeito o interior do homem, Platt diz que "a resposta de Skinner é semelhante a de Newton quando ele recusou-se a explicar a

gravidade: "Hipótesis non fingo" - "Eu não faço hipóteses" (pág. 36).

Relativamente as acusações de Scriven de que o Behaviorismo Radical leva ao conformismo Pirages (1974), sem fazer o elogio do conservantismo e muito menos a apologia do conformismo, após observar que a mobilidade social intensa e a expansão tecnológica crescente da nossa sociedade não conseguiriam proporcionar um nível de vida mais satisfatório para a maioria dos cidadãos, diz que é mínima a expectativa de vida dos rebeldes (não-conformistas) nas sociedades que se estabeleceram de forma hierarquizada e conservadora. Pirages cita Lerner (1958) que "melhor explicou a conformidade que caracteriza as sociedades tradicionais". Entretanto "há agora considerável dúvida de que a cultura na qual vivemos tenha mais valores para sobrevivência do que a sua contraparte tradicional" (pág.61).

Nossa sociedade ao procurar resolver os problemas de subsistência e proteção do homem, resolveu-os para uma minoria, enquanto minorias permanecem numa marginalidade que é uma ameaça ao rompimento da já precária ordem social. Por outro lado o rompimento do equilíbrio ecológico faz com que a própria natureza ataque o homem de maneiras diversas que variam deste os distúrbios climáticos até o aparecimento de novas formas de vida nociva à espécie humana a qual sofre as suas investidas sob forma de doenças ou pragas.

O que ocorre é que "a sociedade industrial está em fluxo constante. O homem está mudando o seu meio físico e social de maneiras as quais ele próprio não entende completamen

te". Os que criaram a sociedade da abundância e que um dia foram "desviantes", isto é, não conformistas, em verdade iniciaram um processo de mutação cultural "que está semeando as sementes de sua própria destruição" (pág.61).

CAPÍTULO IVCRÍTICA À POSIÇÃO DO BEHAVIORISMO RADICAL QUANTO À QUESTÃO SOCIAL1. A Sociedade e as Instituições

A sociologia tradicional postula que a sociedade é um conjunto complexo de pessoas que se organizam em instituições de natureza diversa para atingirem um objetivo comum que seria a própria preservação do corpo social dentro de uma situação de bem estar geral que garantisse ao homem a consecução dos seus ideais.

Em Beyond Freedom and Dignity Skinner dá seu relato pessoal de como ele vê a sociedade atual, isto é, como ele vê o estado geral do mundo em que vivemos. O retrato é pessimista; ele vê um mundo dividido entre poucos ricos e muitos pobres, todos lutando entre si, colocando a paz mundial em sério risco, tendo em vista os arsenais nucleares disponíveis para, segundo os especialistas em assuntos bélicos, destruir o planeta umas quantas vezes.

Tendo em vista a situação perigosa reinante e o fracasso das ciências sociais, as quais se baseiam em uma visão do homem como um ser autônomo e capaz de apresentar soluções criadas a partir de idéias que lhe são próprias no sentido em que ele pode criá-las ou deduzi-las de outras, Skinner propôs que fosse tentada uma nova abordagem: a sociedade seria planejada por uma engenharia social que construiria uma cultura baseada numa nova visão do homem e por isso, adequada a atin-

gir o objetivo final de todas as filosofias sociais das quais se tem notícia - o bem estar geral. O planejamento se bascaria numa visão inversa do homem como tradicionalmente encarado pela filosofia ocidental: o homem não é um ser livre e criativo e sim governado pelo seu passado na história da espécie impressa no código genético e pela história da sua vida individual. Tal abordagem desencadeou severas críticas, as quais, sinteticamente abaixo apresentamos.

A primeira das críticas clama que a formulação do problema feita por Skinner não apresentava nenhuma base científica - isto se aceitarmos que a ciência deva ser sempre empírica.

Realmente Skinner, desde o lançamento de seu livro, reconheceu que o mesmo expressava uma filosofia a respeito do comportamento humano e que se fosse aplicada uma tecnologia de planejamento social baseada na mesma, o futuro provaria que ele estava certo.

Alegou-se que nenhum cientista concordaria com afirmações apriorísticas. Sim, concordou Skinner; mas, na verdade, a sua discussão era filosófica. A sua ciência do comportamento, isto é, a análise experimental do comportamento não estava em discussão. Esta, no seu dizer, estava sendo aplicada em pesquisas laboratoriais, educacionais, etc. e inclusive vindo já, suas descobertas, sendo aplicadas com sucesso.

Em segundo lugar alegou-se que a sociedade criada com base em tal conceito de homem seria anti-democrática. O totalitarismo seria sua característica mais evidente. Qual o sentido que tomariam as modernas instituições sociais em tal

sociedade? Quanto às instituições políticas e governamentais, quem governaria e como seriam selecionados os governantes? Quanto à economia, teria fim o sistema de livre iniciativa? Quanto à educação, como seriam as novas gerações instruídas, como robots operantemente programados? Quanto à recreação, estaria decretado o fim da criatividade e beleza nas artes? Quanto à religião e moral, que sentido ético teria a vida em uma sociedade cuja base filosófica fosse o materialismo agnóstico puro e simples?

As respostas a essas contundentes questões foram respondidas paulatinamente por diversos autores e as apresentamos a seguir.

Rozyenko (1974) argumentou que se observamos o estado geral da sociedade industrial moderna, é muito mais provável que uma sociedade do tipo da proposta por Orwell em sua obra de ficção, 1984, resulte do nosso próprio sistema social presente do que de extrapolações da proposta skinneriana. As pessoas que temem uma sociedade operantemente programada são as que menos conhecem a filosofia e a ciência do comportamento propostas por Skinner. Elas temem que uma sociedade Orwelliana ou como a prevista em O Admirável Mundo Novo surja do que propôs Skinner. As pessoas se rebelam contra e resistem a medidas repressivas, diz Rozyenko (1974), mas as recomendam e mantêm o seu uso contra outros que se comportam de maneira contrária ao seu interesse (pág. 74 ). Esta é a realidade das relações interpessoais e intergrupais na atualidade; o que não difere do que tem ocorrido no passado. O próprio Estado, no mundo moderno, cresceu desmesuradamente assumindo

funções de direção e controle que anteriormente pertenceram à família, à religião e ao próprio indivíduo como pessoa, digamos, livre e independente. O Estado no mundo moderno, seja nas liberais-democracias do Ocidente ou nas repúblicas democráticas do tipo soviético, assumiu um controle como nunca antes imaginado. O poder civil outrora exercido pelas instituições religiosas transferiu-se para o estado; às instituições religiosas, e isso nos países de governo não marxista, sobrou o livre exercício das funções pastorais quando tal prática não prejudica os interesses do Estado. A família, como instituição, também perdeu, e vem perdendo, cada vez mais, suas funções básicas: nos países socialistas elas foram assumidas pelo Estado e nos países capitalistas suas funções foram partilhadas entre o Estado e a empresa privada. Sobrou-lhe a função procriativa e a emocional, se tanto. A função educativa (exetutando-se o aprendizado da linguagem e dos mais comezinhos princípios da vida em sociedade), a recreativa e a econômica (raramente a produção de bens e mesmo serviços de natureza doméstica é exercida no lar) pode-se dizer que são controladas total ou parcialmente pelo Estado e pela "livre-empresa" no mundo capitalista.

Quanto aos direitos do indivíduo, às vezes os mais básicos como, por exemplo, o pátrio-poder são dele usurpados por razões que poderão ser irrelevantes para as partes interessadas, como sejam, pai e filho, os quais são separados por que o Estado tem jurisprudência formada sobre como deve ser exercido o direito de paternidade: não importa qual seja a "vontade" das partes.



Nos dois países mais avançados tecnologicamente do mundo, os direitos do homem são assegurados até o momento em que ele seja persona grata ao Estado. No momento em que o cidadão é julgado perigoso aos interesses do Estado ou até mesmo aos de certas poderosas pessoas do Governo, ele é rapidamente internado em hospitais psiquiátricos ou barbaramente assassinado. Em ditaduras vigentes em áreas menos sofisticadas ele é, geralmente, torturado para que ele ou "sua mente" mude seu modo de pensar: se ele não apresentar evidências de que está pensando diferente, também morre. Aliás, pela liberdade de pensamento, no caso.

É óbvio pois, que o mundo do poderio estatal desviado antevisto ficcionalmente por Huxley ou Orwell, já está chegando sem auxílio do Behaviorismo Radical. A era do controle estatal onipotente e onisciente está mais próxima do que gostaríamos de admitir.

Vejamos o que ocorre no mundo da Economia, isto é, no mundo do trabalho para promover a produção e distribuição de bens e serviços. Nos países sob orientação governamental marxista a economia é planejada pelo Estado. No restante do globo a "livre-empresa" dá seus estertores. No mundo capitalista, onde em alguns países a cartelização ainda existe legalmente, a economia está praticamente controlada pelos grandes conglomerados multinacionais e, em menor escala, por empresas dirigidas ou indiretamente controladas pelo Estado. Pouco espaço resta para a "livre-empresa" de porte médio ou pequeno.

Como disse Skinner (1979) comentando a concentração de poder na empresa: "A concentração de poder em uma atividade

é indesejável não somente porque ele é caracteristicamente mal utilizada e desperdiçada, mas porque ele destrói os contatos interpessoais. Se eu trabalho para uma companhia manufaturando sapatos e meu vizinho para uma companhia manufaturando camisas, e se nós ambos ganhamos o bastante de forma que eu compre uma camisa e ele ou ela um par de sapatos, nós de uma certa forma produzimos algo de valor um para o outro, mas não houve troca direta. Uma oportunidade especial para reforçar o trabalho, um do outro, foi perdida.<sup>1</sup> Sem dúvida companhias são necessárias para a produção eficiente de sapatos e camisas, e nós devemos ter uma economia, mais que simplesmente uma cultura no velho sentido, mas alguma coisa foi perdida. Similarmente, se eu delego a censura de meu vizinho à polícia, eu fico menos propenso a buscar alternativas não punitivas do que se eu agir simplesmente como um vizinho. Em um macro-grupo uma força policial é sem dúvida necessária e nós continuaremos a ter governos punitivos, mas as chances de por em prática melhores relações pessoais é então perdida (...). Quando nós delegamos o controle do povo a instituições políticas e econômicas, nós abdicamos ao controle face-a-face de um governo exercido pelo povo, e é um erro supor que isso seja recuperado restringindo a liberdade de ação daqueles aos quais o controle foi delegado. Uma estratégia melhor é tornar mais forte

---

(1) Aqui chamamos a atenção para a similaridade total existente entre este ponto de vista de Skinner e o conceito marxista de alienação do trabalhador em relação ao fruto de seu trabalho.

o controle face-a-face" (pág.9).

Concluimos então que na economia, assim como na política, o controle foi centralizado em grandes instâncias institucionais, sendo que essa capacidade de controle deveria permanecer, segundo o Behaviorismo Radical, democraticamente dispersa entre o próprio povo, isto é, com o cidadão tomado individualmente como pessoa.

Vejamos as relações entre o Behaviorismo Radical e a Educação como necessidade social.

As críticas dos opositores recaem sempre na alegada mecanização do ensino. Elas não se referem aos resultados alcançados na aprendizagem pela aplicação de uma tecnologia do ensino baseada na teoria operante. As conquistas nesse campo são suficientemente conspícuas para serem questionadas. O que se questiona é se a instrução programada é atraente, cheia de calor humano e criativo como ocorre com a metodologia que se desenvolveu após a abolição da palmatória e o direito dos mestres espancarem ou reprovarem seus alunos obstinados em manter-se livres do dever de cumprir suas ordens.

Não há como, de acordo com os pressupostos filosóficos do Behaviorismo Radical explicar onde esteja o "calor" de um manual de instrução programada. Tais coisas como a "riqueza da compreensão humana", a "frieza das máquinas de ensinar" etc. são meras metáforas ou ficções explanatórias possíveis de serem perpetradas devido à natureza do comportamento verbal. O que Skinner (1978) pode tentar explicar é o comportamento de certos campeões da luta pela liberdade dentro da escola como "Rousseau, o qual pôs seus próprios filhos em um orfanato e preferiu dizer como ele educaria o seu herói fictí-

cio" (pág.140), no caso Emílio, o estudante feliz e livre.

A liberdade na escola é também ilusória.

Na verdade o que se depreende na narrativa de A.S. Neil (1959) a respeito de Summerhill é que lá estudantes problemas oriundos de famílias das classes mais favorecidas, que podiam dar-se ao luxo de lá mantê-los, eram deixados à margem de qualquer programa de escolarização até que elas se cansassem de sua inatividade ou sua ignorância crescente com o passar dos anos os incomodasse ou assustasse. Então procuravam as aulas livres.

O que se passa no mundo moderno é que a educação foi massificada sem que se aprimorasse a qualidade do ensino que, na verdade, decaiu. Mas o sistema de avaliação continua exatamente o mesmo dos séculos passados, a não ser pelas suas alterações adjetivas, as quais permitem a entrada e saída nos mais diversos níveis de alunos pouco preparados para as funções reais que desempenhariam na sociedade se esta lhes assegurasse o emprego.

Quanto às relações do Behaviorismo Radical com as instituições recreativas, as críticas negativas partidas de Carpenter, Chomsky e praticamente todos os opositores à filosofia operante é que esta não tem espaço para as artes: literatura, poesia, música, etc... Alega-se que uma análise acurada do comportamento ou da obra de um poeta com Keats, por exemplo, tirar-lhe-ia toda a beleza: o rouxinol estaria cantando simplesmente por que a estação do acasalamento trouxera a necessidade de reservar um território para os atos de procriação da espécie.

A aceitar esta crítica como pertinente seria forçoso admitir que a completa apreciação estética tivesse necessariamente que repousar sobre uma base de sólida ignorância quanto à causalidade dos fenômenos naturais. Seguindo este raciocínio de redução ao absurdo concluiríamos que um estudante de música, ao concluir cum lauda o curso de harmonia e composição, deveria ser incapaz de apreciar a música erudita. Mas, na prática, é exatamente o inverso o que ocorre: quanto mais o músico descobre as possibilidades de seu instrumento e percebe a complexidade com que se harmonizam as diferentes notas na produção de acordes, mais ele se vincula à música. Quanto mais ele descobre novos sons, mais estes reforçam sua apreciação e atividade musical, num círculo vicioso. E o mesmo acontece com todos os verdadeiros artistas, isto é, com as pessoas que tiveram uma iniciação musical feita por verdadeiros professores, isto é, aquelas pessoas que gostam do que fazem e querem transmitir seus conhecimentos para as novas gerações, que é o que identifica o verdadeiro professor, ou seja, o amor à disciplina que ele conhece e à relação interpessoal que se dá no ato de transferência da aprendizagem do mestre ao aluno.

Por outro lado o comportamento operante não muda o objeto sobre os quais ele teoriza. O fato de estudar-se o efeito que produz o canto do rouxinol nas pessoas não elimina esse efeito, o qual é reforçador devido às relações de contingência que envolveram as espécies durante o processo evolutivo das mesmas.

A apreciação artística tem base no efeito reforçador da coisa apreciada. Pode-se desenvolver ou esmerar tais

comportamentos de apreciação ou atividade artística por métodos de condicionamento clássico e/ou operante. Como diz Skinner (1974): "O artista, compositor ou escritor age para produzir algo que o reforça, e ele se torna mais propenso a continuar a produzir... mas não devemos ignorar o fato que o consumidor de arte, música e literatura é também reforçador" (pág.206). E todo artista sabe, ou sente, que mais importante que o ato do admirador de arte de comprar a arte produzida pelo artista é o fato dele apreciar o que foi apresentado: o que importa é o artista reforçar a si próprio e ao admirador de quem o que ele quer realmente é a aprovação social, a admiração, o aplauso.

## 2. Métodos de Controle

O cerne do debate quanto ao Behaviorismo Radical e o modelo social é a questão do controle social.

A pergunta mais repetida por todos os opositores é sempre: quem controlará quem e com quais finalidades.

Diz Skinner que a pergunta já é reveladora de toda uma história da humanidade baseada em relações de controle aversivo com fins de explorar os mais fracos. A simples palavra controle já vem carregada de fortes emoções de ansiedade por que o controle tem sido sempre punitivo ou com base no princípio do reforço negativo. Os reforços positivos geralmente são escassos e usados para reforçar as classes superiores. Para a numerosa classe inferior deixa-se as ameaças que agem como reforço negativo, isto é, os mais fracos que ajam como os

mais fortes desejam que é para evitar a punição ameaçante.

Mas o efeito controlador do reforço positivo existe e é mais eficiente que o dos métodos de controle aversivos; e se for convenientemente administrado pode tornar-se mais barato do que a manutenção de aparatos repressores como a força policial e um custoso e às vezes ineficiente poder judiciário. É bom que se alerte que em toda a obra de Skinner ele nunca afirmou diretamente que se devesse aplicar o reforçamento positivo devido a uma questão de preços de custo de manutenção. Mas em certos artigos como "Liberdade, enfim, do peso dos impostos", ele sardônicamente reprovava o uso de loterias como meio de arrecadação de fundos. Geralmente as classes ou pessoas mais privadas do efeito reforçador do dinheiro jogam "voluntariamente" para atingir seu objetivo de enriquecer. O que ocorre na verdade é que o governo distribui para uns poucos vencedores apenas cerca de um terço do que ele arrecada de um grande número de perdedores.

Mas isto é a exposição de um fato o qual Skinner reprovava, e não uma pista sobre o de como deve ser controlada a sociedade civil por parte do Estado.

O que Skinner propõe são duas medidas de máxima importância as quais trarão inúmeras consequências para a sociedade:

- 1 - A abolição da punição como método geral de controle.
- 2 - A democratização (descentralização) do controle social.

Mas parece que os críticos de Skinner não entenderam ou não confiaram na sinceridade da proposta por ele feita. Quanto à punição, Carpenter, por exemplo, ao enfatizar a sua eficiência como método de controle nos dá a impressão de que ele julga in fine a sua aplicação à sociedade como desejável ou pelo menos necessária.

Quanto à democratização nos moldes preconizados pelo Behaviorismo Radical - isto é, descentralizando a direção e o poder de controle transferindo-o de grande instituições para o controle face-à-face-ela não é considerada.

Chomsky, Mc Call, Sciven, Novack et al. estão ansiosos para saber quem será o Grande Irmão, Inquisidor ou Ditador.



CAPÍTULO VCRÍTICA À CONCEPÇÃO DE VALOR DO BEHAVIORISMO RADICAL

Para o Behaviorismo Radical a tarefa principal da ciência do comportamento humano é realizar uma análise do processo de formação dos valores no indivíduo a partir do efeito causado pelo meio físico e social sobre as necessidades intrínsecas que ele herdou geneticamente.

Em verdade, desde que Aristóteles refutou a filosofia platônica quanto às idéias ou valores inatos, é mais ou menos aceito na filosofia ocidental que os valores são realidades culturais e portanto variáveis com o meio social, de onde evidentemente são interiorizados pelo indivíduo que os plasma de acordo com seus dons, traços, temperamentos, etc. que lhes são próprios.

Segundo a perspectiva tradicionalista há uma operação interna a qual é realizada pelo homem, operação essa que, em última instância, representa um ato criador. Tais atos criativos são impossíveis segundo os pressupostos filosóficos preconizados por Skinner, o qual julga que "plasmar", "construir" etc. valores são meras metáforas que não explicam o processo real da formação dos valores. Segundo o Behaviorismo Radical o indivíduo não cria, plasma ou elabora valores. O meio é que provoca nele efeitos que tornarão maior ou menor a probabilidade de que ele volte a emitir um padrão comportamental igual ou semelhante ao anteriormente praticado em uma si-

tuação ambiental de alguma forma parecida com a precedente. Desta forma o indivíduo, segundo os defensores da Ética tradicional, perde o seu conteúdo moral.

A crítica mais contundente partiu de Scriven (1971) o qual alegou que o behaviorismo destruiu a educação moral devido ao legado de ceticismo moral que este movimento herdou do positivismo.

A afirmativa é feita de modo amplo em relação "ao behaviorismo", isto é, como se houvesse em realidade uma "unidade monolítica" em todo o movimento como negou Mahoney e que, de fato, não existe. Primeiramente é preciso que se note a incompatibilidade existente entre o positivismo lógico, as várias versões do behaviorismo metodológico e a posição filosófica assumida por Skinner. A colocação que ele faz da ciência do comportamento humano é a segundo a qual esta é justamente um estudo científico da formação dos valores no indivíduo real e não numa visão abstrata de homem como o que é feito pela Ética.

A ciência do comportamento humano, como ciência natural, é um estudo científico de casos reais e não de abstrações filosóficas por mais acuradas que estas sejam. O que a psicologia, segundo o Behaviorismo Radical, deve estudar é o processo de formação dos padrões de ação e reação do indivíduo em relação ao meio físico e social.

Em momento algum é dito por Skinner que os valores morais não existem. Entretanto é óbvio que o Behaviorismo Radical tem a sua interpretação sobre a natureza do valor, sua gênese e significado para o comportamento humano.

A incompreensão de Scriven (1971) do ponto de vista do Behaviorismo Radical fica perfeitamente clara quando ele diz que há "uma óbvia necessidade, a necessidade de treinar a nós próprios e a nossos filhos em direção a um impulso moral "autônomo" (Sic), e que funcione na ausência de qualquer possível reforço" (pág.439).

Ora, obviamente este é o ponto que é a pedra fundamental de todo o Behaviorismo Radical: não pode haver, segundo Skinner preconiza, qualquer fenômeno sem causa. O Behaviorismo Radical adotou o princípio de causalidade para explicar o comportamento. E a causa é, no caso dos comportamentos sociais, sempre externa. Skinner não admite que comportamentos que expressem o que a ética tradicional conceitua como juízo de valor possam ser desempenhados sem a influência direta da sociedade. Seria admitir que comportamentos sociais são inatos ou originam-se em uma região transcendente à natureza, o que faria da psicologia uma, aí sim, meta-ciência.

Como reconhece Skinner, considerando-se o relato de Gesell sobre as meninas lobo e outros casos esparsos de homoferus que se tem notícia, é mais plausível aceitar que comportamentos sociais tenham origem na própria sociedade do que em abstrações mentalistas.

Um segundo ponto marcante da incompreensão de Scriven quanto à noção de valor proposta pelo Behaviorismo Radical, é a afirmativa, errônea por incompreensão ou viés, de que Skinner reduz valores sociais a recompensas. Nada mais falso. O que Skinner diz é que qualquer produto cultural, seja já um objeto ou uma poesia, tem a propriedade de causar um

efeito que será reforçador ou não. E os efeitos reforçadores, estes é que, na terminologia tradicional, "plasmam" os valores. Na verdade é comum o leito equalizar recompensa a reforço. Perelman (1974) apesar de não ter repetido o engano de Scriven ao confundir recompensa com reforço, falhou por não entender o ponto de vista do Behaviorismo Radical em relação ao conceito de valor. Diz ele: "Skinner é culpado de supor erroneamente que valores expressam o que os homens sentem, e não o que eles deveriam sentir quando eles são colocados frente a frente com certas situações. Os valores são normativos. Entretanto, embora todos nós concordemos que verdade, justiça e felicidade sejam valores, nós não concordamos sobre a maneira pela qual eles devam ser interpretados em situações particulares" (grifos nossos) (nãg.124).

Primeiramente louvemos Perelman por ter percebido que para o Behaviorismo Radical valores são expressos por sentimentos e não por recompensas. Entretanto a afirmativa que "os valores são normativos" é repetir algo óbvio que não está em discussão.

Os Dez Mandamentos são normas e o Código Civil também. Ambos são códigos morais, ou seja são um conjunto de normas, o primeiro refere-se a valores religiosos e o segundo a valores jurídicos, um expressa a Lei de Deus e outro a lei dos homens. Todos nós concordamos que os valores, sejam eles morais (jurídicos ou religiosos), políticos, científicos,

estéticos, econômicos ou sociais (1), eles apresentam normas sobre o certo e errado nessas áreas da atividade ou conhecimento humano. Todavia, o ponto de vista do Behaviorismo Radical estabelece que:

- a) Os valores são fato e como tal podem ser estudados cientificamente.
- b) O estudo científico do valor, ou de qualquer outra forma de comportamento humano, deve ser realizado individualmente.

O que Perelman parece não ter entendido é que sendo Skinner um realista e determinista ele procura as causas dos fatos ou fenômenos que se passam com o homem (no caso seu comportamento) na natureza. É apenas um ponto de vista filosófico quanto à concepção de modelo em ciência. Como cientista ele propõe que seja estudada a causalidade do fenômeno Valor partindo-se da pressuposição que a causa está na natureza que lhe cerca, no caso o ambiente social; e não, como disse Skinner, em um misterioso domínio transcendental. Este é o primeiro ponto: o valor deve ser estudado cientificamente - é um pressuposto ideológico do Behaviorismo Radical.

Vejamos o segundo - Perelman diz que o valor não é o que o homem sente; é o que ele deveria sentir. Ora, se tomarmos como fez Skinner uma abordagem individualista, se

---

(1) Aqui tomamos como base a classificação dos valores em seis categorias diferentes como propõe a axiologia de Spranger (1959).

quisermos chegar a um estudo idiográfico do ser humano, é óbvio que temos que considerar como o indivíduo "é" ou "está" no momento em questão. O que os outros deveriam ser ou sentir é apenas um referencial externo. A norma social, como foi visto acima, é uma realidade externa. Mas o valor é a realidade interna, é o "como ele se sente" em relação à norma. O problema é que Perelman não quer aceitar tal ponto de vista. Diz ele que Skinner faz "uma confusão quanto à noção de valor em si ao reduzi-lo a estados psicológicos" (pág.122).

E aqui novamente volta Perelman a reafirmar o óbvio. É claro que acreditando Skinner ser ele próprio um psicólogo e cientista, ele queira estudar cientificamente os valores segundo os critérios da psicologia. Não há nenhuma incoerência ou confusão. Se, como já dizia Wundt, o fenômeno psíquico (sic) é o sentir, o pensar, o querer e o agir; se o Behaviorismo Radical aceita a introspecção para analisar os sentimentos: é natural que, se a psicologia queira estudar os valores, ela os considere como uma das realidades humanas que estejam em seu domínio, no caso o sentir.

Entretanto, sendo Perelman filósofo e não um cientista e psicólogo, é também natural e lógico, mas não lícito, que ele queira restringir o estudo dos valores unicamente à sua área de interesse, isto é, à filosofia, a qual interessa-se sobretudo pelo pensar. Portanto é perfeitamente possível e, devemos acrescentar, desejável, que a filosofia e a psicologia se interessem pelo estudo dos valores.

Neste ponto devemos atentar para as seguintes palavras de Perelman ao iniciar sua argumentação contrária ao Be-

haviorismo Radical: "A ciência comportamental é, assim, a ciência dos valores eficazes (reforço operante), a filosofia ficando reduzida ao estudo do condicionamento ineficaz" (pág.122).

Primeiramente é preciso perguntar o porquê da observação colocada entre parêntesis reduzindo a ciência do comportamento ao estudo do comportamento operante. Skinner se interessou pelo comportamento operante ao perceber que o estudo do comportamento reflexo não era suficiente para explicar a totalidade dos comportamentos humanos. Aliás como ele afirma, a maioria dos comportamentos humanos não são de natureza reflexa incondicionada ou condicionada; mas não podemos esquecer que eles desempenham uma parte significativa no conjunto das ações humanas. Desta forma Perelman deveria dizer: "A análise experimental do comportamento preconizada por Skinner é a ciência dos valores eficazes" (se é que ele sente ser necessário incluir tal redundância em sua observação pois seria impossível segundo o Behaviorismo Radical estudar a influência no comportamento humano de realidades que não produzissem efeitos). Mas a verdade é que Perelman como veremos adiante quer com sua adjetivação prematura, estabelecer uma premissa que lhe dê base para concluir que a filosofia Behaviorista Radical é essencialmente anética.

Retornando à afirmativa sobre a eficácia da psicologia e a ineficácia da filosofia, tal conclusão é uma ilação extrapolada por Perelman das fontes e nas situações onde ele informou-se sobre os pressupostos do Behaviorismo Radical. Mas até um certo ponto ele tem razão: se aceitarmos que a atividade filosófica é algo que o ser humano pratica através da

linguagem (falada e escrita) e do pensamento (que para Skinner é também linguagem, no caso privado); se aceitarmos que os produtos apresentados pela filosofia sejam de natureza verbal, isto é, discurso filosófico e não artefatos; se aceitarmos que palavras (por exemplo, "água") sejam menos eficazes como reforço do que artefatos (isto é, a própria água em si); se aceitarmos que a função da ciência é produzir tecnologia, isto é, artefatos, então concluiremos que a ciência é mais eficaz para influir no comportamento humano do que a filosofia. Mas daí não decorre que a filosofia seja ineficaz; se assim fosse por que Skinner escreveria seu livro? Aliás Skinner escreveu uma obra, a qual ele crê ser a mais importante das que escreveu, exatamente sobre as características do comportamento verbal, sendo que a mesma é uma obra resultante de estudos filosóficos.

A crença de Skinner na eficácia da filosofia ou do comportamento verbal é evidente pela própria intensa atividade literária que ele desenvolve. E entre suas crenças está a de que uma ciência sobre o comportamento humano poderá produzir, está produzindo, ou mesmo já produziu uma tecnologia aplicável à solução de problemas sociais. É conveniente notar que as tecnologias aplicadas à educação ou à terapia oriunda da teoria operante, já são aplicadas em instituições de natureza tão diferentes entre si como sejam um jardim da infância ou um hospital psiquiátrico. Isto nos faz retornar à afirmação segundo a qual as tecnologias são mais influentes que as filosofias. E aí está o erro de Perelman et al.: eles se esquecem que o Behaviorismo Radical é uma filosofia - e por isso



mesmo é controvertido e menos conhecido do que a análise experimental do comportamento a ponto de ser com ela confundido. Mas a sua eficácia está no fato de ter sido o fundamento teórico-filosófico sobre o qual se desenvolveu a tecnologia à qual deu origem.

E aqui chegamos ao ponto em que temos de analisar a crítica de Black (1974) às consequências advindas da posição skinneriana segundo a qual:

- uma teoria não muda o objeto sobre o qual discorre.
- uma tecnologia é neutra do ponto de vista ético.

Diz Black que "aqui se oculta a velha falácia de que a introdução de "tecnologia", mesmo quando suas consequências para o ser humano podem ser razoavelmente previstas, é, do ponto de vista moral, nem boa nem má" (pág.128). Para Black é necessário que tenhamos segurança contra a possibilidade de que o "condicionamento por atacado não tenha resultados tão deploráveis quanto à introdução de algumas drogas estupefacientes" (pág. 128,129).

A posição tradicional é que o homem, inclusive o cientista, tem responsabilidade sobre o que faz. Ele é causador e portanto responsável por seus comportamento. A posição defendida por Skinner é exatamente inversa. O homem é causado e a responsabilidade é remetida para as contingências que causaram seu comportamento. E é por isso mesmo que Skinner se volta sempre para a análise das contingências externas. O processo que culminou com a descoberta dos estupefacientes não foi iniciado e concluído por um só homem, e nem por um homem im-

peçoal, ou pelo Espírito como diria Hegel. Foi um lento processo onde homens se comportam em presença das contingências sociais atuantes no meio onde viveram.

Não podemos negar o efeito benfazejo das drogas para aqueles que os psiquiatras julgam necessitar delas. Entretanto não podemos culpar os químicos ou a química pela ineficiência do sistema social vigente em solucionar os problemas que, estes sim diz a sociologia, são a causa da adição às drogas e de outros problemas como o terrorismo político, a delinquência, etc. Skinner repete ad nauseam que a causa de tais problemas é o sistema social, baseado no pressuposto que o comportamento humano não é independente do ambiente externo. Sua proposta, ainda que utópica, de alterar a ordem social vigente pode ser radical; mas é coerente. Incoerente é afirmar a liberdade do homem atribuindo-lhe conseqüentemente a responsabilidade pelos seus atos, mas afirmar que o comportamento desviante tem origem no meio social. Tal situação seria possível se admitíssemos que certos homens por dados naturais ou sobrenaturais já nascem predispostos a agir em consonância com os mores (tão variáveis de uma cultura para outra - ou até na mesma cultura de uma época para outra) em vigor nessa sociedade. Mas isto contraria tudo o que diz a ciência moderna.

Entretanto note-se que se Skinner apresentou uma tecnologia eficaz (que ele crê neutra eticamente) para lidar com o comportamento humano, ele apresentou também uma filosofia que se aplicada como ele propõe viria justamente neutralizar os alegados perigos que poderiam advir do emprego indiscriminado da sua tecnologia.

O Behaviorismo Radical não é eticamente neutro, pelo contrário é um manifesto a favor da revisão da ética tradicional que há milênios, centrando seu corpo doutrinário em princípios de liberdade, isto é, de indeterminação não foi capaz de solucionar o problema das condições sociais dentro das quais o homem atualmente vive.

CAPÍTULO VIAVALIAÇÃO CRÍTICA

Concluindo este trabalho sobre o Behaviorismo Radical, constatamos que os críticos do mesmo dirigiram seus argumentos de modo favorável ou contra, não somente à filosofia de Skinner, mas também a características peculiares a ele, como pessoa. Como notou Novack pouca atenção foi dada ao resultado prático decorrente de suas pesquisas científicas.

Faremos a seguir uma avaliação final sintética sobre os tópicos discutidos neste trabalho.

1. A Ciência e Tecnologia Skinnerianas

Como notou Novack (pág.237 ), poucas considerações foram feitas ao trabalho de Skinner no que se refere à ciência e tecnologia por ele desenvolvidas. Na verdade, nesse ponto ele pode considerar-se vitorioso; o grande debate foi sobre possíveis e futuras consequências que decorrerão quando e se, à sua proposta de planejamento cultural, for dada maior atenção do que tem sido feito até o presente momento: ou seja, quando e se passar-se dos debates a respeito da sua proposta, e a mesma vier a ser aplicada na realidade. Até agora tem-se discutido quase que exclusivamente as implicações éticas e sociais relativas à ciência e tecnologia skinnerianas, o que faremos adiante.

O ponto central de todo o debate em torno de Beyond Freedom and Dignity foi, não a ciência e tecnologia de Skinner,

mas sim a filosofia do behaviorismo em si mesma. Entretanto as reações à proposta skinneriana foram contrárias ao Behaviorismo Radical em grande maioria. Mas cabe aqui fazer algumas observações: é inegável a grande aceitação do behaviorismo, até mesmo o Clássico, no meio acadêmico ligado à Psicologia e até a outras ciências sociais como a Sociologia, Economia, Administração de Empresas etc. Entretanto é obvio que uma obra como Beyond Freedom and Dignity não despertaria nesses acadêmicos afins ao behaviorismo, uma reação contrária a ela. Mas é da mesma forma obvio, que poucos de tais acadêmicos se dispusessem a escrever artigos ou livros de adesão a um autor ou obra que já aceitam.

A aceitação é sempre uma reação de conformidade ou consenso, isto é, ela não gera debate ou luta. Entretanto o oposto ocorre com as pessoas que se sentem frustradas: a frustração gera a agressão. Consequentemente, os filósofos, psicólogos e outros representantes do sistema social vigente que se sentiram frustrados ou ameaçados pela posição assumida por Skinner, reagiram agressivamente. E a agressão é sempre mais ruidosa do que a aceitação. Enquanto que Walden II não gerou grandes ou ruidosos debates que extrapolassem os limites da crítica literária e acadêmica e foi considerada apenas como uma obra utópica a mais, com Beyond Freedom and Dignity ocorreu o contrário. Fica a impressão de que a obra de ficção e a filosofia operante em 1948, não foram julgadas como uma ameaça à democracia. Mas pouco mais de duas décadas após, a situação mudara completamente. Parece que os avanços do behaviorismo e a mudança da situação mundial que se tornou real-

mente perigosa, fez com que a proposta de reforma social de Beyond Freedom and Dignity, fosse encarada, não como ficção, mas como uma hipótese plausível. Daí as violentas reações dos filósofos ditos liberais, os quais neste caso representam as forças conservadoras.

O conservantismo aqui mencionado é o que se refere não a sistemas ou modelos político-econômicos, mas à filosofia da ciência implícita na posição behaviorista radical. Quanto à sua filosofia da ciência, excetuando-se as implicações éticas as quais analisaremos mais adiante, Skinner foi criticado por apresentar um modelo por alguns julgado como anti-teórico, naif e até mesmo incoerente. Vejamos portanto tais argumentos.

Quanto à argumentação relativa ao modelo anti-teórico, nossa posição é que o modelo sob o qual Skinner desenvolveu o seu trabalho é sobretudo pragmático. Mas não é completamente carente de base teórica. Mesmo porque é impossível pesquisarem estabelecer hipóteses ainda que implícitas. O que pode ocorrer é que a teoria subjacente às pesquisas, seja mais simples do que outras as quais se apoiem em maior número de axiomas e constructos os quais sirvam de base para deduções lógicas, como é o que ocorre com a "Drive Reduction Theory" de Hull. Já no caso da Psicanálise as explicações e deduções são realizadas com base no raciocínio analógico e em ampla utilização de metáforas, o que, como é sabido, permite amplas digressões as quais poderão desvirtuar enormemente o conteúdo da teoria original. Segundo Skinner, devemos fazer uso do princípio da parcimônia e rejeitar o complexo quando

o simples pode cumprir os objetivos colimados; a utilização desnecessária de constructos não torna uma teoria mais completa ou sofisticada, pelo contrário age apenas como feu d'artifice travestindo o confuso de complexo. O uso indiscriminado de constructos simplesmente reduz a capacidade heurística de qualquer teoria eliminando a possibilidade de pesquisa com a utilização de símbolos de indeterminação representados por termos técnicos ou metáforas pomposas: isto é, usa-se novas palavras para supostamente explicar fatos velhos cuja verdadeira significação é difícil de ser compreendida "especialmente na Psicologia por causa da presença aí de um vasto vocabulário de origem antiga e não científica" (Skinner, 1945, pág. 274). Quanto à alegação de que o modelo skinneriano é naif, isto é apenas uma forma diferente de voltar ao problema da ausência de extensas teorizações as quais Skinner julga não somente desnecessárias, mas sobretudo prejudiciais, pois os excessos teóricos substituem a verdadeira análise científica de um fenômeno qualquer por "ficções explanatórias". Neste ponto estamos perfeitamente de acordo com o ponto de vista de Skinner.

Entretanto, no que se refere às críticas as quais acusam Skinner de ser incoerente quanto à sua própria proposta de construção de uma teoria científica de análise do comportamento humano, nós já não podemos descartá-las de imediato. Realmente fica difícil conciliar o trabalho de pesquisa laboratorial desenvolvido por Skinner, com o desiderato expresso na sua própria filosofia, o Behaviorismo Radical, de realizar uma análise do comportamento humano, a qual leve em

conta os eventos privados com o auxílio de uma forma qualquer de introspecção. Isto porque, na prática, o trabalho de Skinner sempre atendeu aos mais rigorosos padrões de observabilidade, mensurabilidade, repetibilidade e controle de variáveis requeridos pela pesquisa operacional e, apenas teoricamente, ele manifesta seu interesse de coadjuvar suas conquistas tecnológicas com o auxílio de uma metodologia de análise dos eventos privados, a qual ele não desenvolveu. Todavia, o interesse de Skinner pela análise dos eventos privados é indubitavelmente sincera haja vista o seu trabalho relativo a linguagem e pensamento os quais foram desenvolvidos desde a década de 30 sob a ótica peculiar da teoria operante. Por outro lado Skinner já em 1945 afirmava: "não há, sem dúvida, questionamento quanto ao se as respostas a estímulos privados são possíveis. Elas ocorrem bastante comumente e devem ser levadas em conta" (pág.276). Assim sendo, como dissemos anteriormente, embora haja evidências, desde há longa data, da relevância conferida aos eventos privados, por parte de Skinner, temos que assentir, no mínimo, com os críticos que alegam que ele não consegue apresentar uma tecnologia coerente com a filosofia da ciência que ele discursivamente defende. Mas isso não implica em rejeitarmos toda a filosofia de Skinner por que há lacunas no seu relato a respeito do comportamento humano. Afinal de contas nenhuma das escolas tradicionais da psicologia apresentou ainda uma teoria que simultaneamente fosse explicativa e preditiva quanto ao seu objeto de estudo. Se colocarmos nestes termos, ficamos em situação análoga à dos cientistas físicos quando tratam de corpos em movimento



com velocidade superior à da luz no vácuo: se a teoria tende para a explicação perde em predição e vice-versa. Nossa posição portanto é que Skinner preferiu optar por um modelo que enfatiza a predição, a qual busca de modo mais indutivo do que dedutivo, postergando as explicações para passos futuros da pesquisa e avanço científicos. Mas esta atitude é um direito seu e de qualquer outro cientista que deseje tratar do comportamento humano.

Finalizamos portanto afirmando, aliás como o fez Toynbee, que qualquer teoria que vise obter dados para tentar melhorar a difícil e perigosa situação em que se encontra atualmente a humanidade merece, no mínimo, ser considerada e estudada com respeito e seriedade, sem emoções viesantes e, sobretudo, sem temores que apriorísticamente a coisifiquem num objeto tabu condenado a permanecer no fundo de uma caixa de Pandora da pesquisa científica.

## 2. Visão do Homem sob a Ótica do Behaviorismo Radical

### 2.1 - O homem tomado como ser individual.

As duas principais críticas contrárias à visão do Behaviorismo Radical a respeito do homem quando considerado individualmente referem-se, a primeira à maleabilidade, e a segunda à vacuidade do homem.

O Behaviorismo Radical considera que o ambiente físico e social exerce grande influência na formação do indivíduo. Essa influência, todavia, é reconhecida por todas as correntes tradicionalistas da Psicologia. Se procurarmos explici

tar melhor o conceito de "maleabilidade", já que quando Chomsky usou este termo para criticar a posição de Skinner quanto ao homem empregou-o como uma metáfora, verificaremos que segundo a visão do Behaviorismo Radical o homem pode ser considerado muito menos maleável do que como ele é compreendido pelos antropólogos e psicólogos da linha culturalista.

Segundo a escola operante o homem tem características físicas e comportamentais impressas geneticamente as quais balizam ou limitam as influências ambientais. Este aspecto do Behaviorismo Radical é congruente com os pressupostos da Eto-  
logia. É pertinente a indagação sobre o que sejam comportamentos herdados geneticamente, mas essa é uma outra questão a qual, geralmente, nem é levantada pelos adversários da posição assumida por Skinner. Tornou-se tácitamente aceito que a escola operante é fundamentada num otimismo mesológico extremado. O que é totalmente falso. Skinner diz que à qualquer manipulação aversiva o homem responde com comportamentos de fuga, evitação ou agressão os quais são mecanismos herdados geneticamente e responsáveis pelo que ele caracteriza como contracontrole<sup>1</sup>.

---

(1) Grupos religiosos, governamentais e econômicos e até mesmo educadores e psicoterapeutas exercem controle poderoso e frequentemente perturbador, diz Skinner (1974). Eles agem de forma a autoreforçarem-se e isto infelizmente significa explorar ou agir aversivamente contra os controlados. Estes escapam do controlador - fugindo ao seu alcance se ele é um indivíduo, ou desertando de um governo, tornando-se apóstata de uma religião, renunciando ou fazendo gazeta - ou atacam de modo a enfraquecer ou destruir o poder controlador, como em uma revolução, reforma, greve ou protesto estudantil. Em outras palavras, eles opõem-se ao controle com contracontrole" (pág.209). Observa-se portanto que Skinner define o contracontrole de maneira muito geral como sendo a reação do homem a os aspectos aversivos das contingências de controle de um determinado sistema.

Desta forma cremos que a alegada "maleabilidade" do homem é apenas uma metáfora empregada por autores que por ignorância ou viés não foram capazes de fazer uma análise crítica pertinente da visão do homem do Behaviorismo Radical, limitando-se a comentários superficiais carregados de acentuados conteúdos emocionais.

A segunda crítica é a famosa alegação de que o Behaviorismo Radical esvazia, deshumaniza etc. o homem. Na verdade o que ocorre é que a civilização ocidental desenvolveu uma visão exageradamente antropocêntrica de todo o universo. A criação do universo, segundo a visão cristã, foi realizada por Deus que fez o homem à Sua imagem. Logo Deus e o homem são semelhantes. Essa é a visão tomista que, como sabemos é, quanto ao homem, a visão aristotélica cristianizada por Aquino.

Em Pery Psyches, traduzido para o latim como De Anima Aristóteles estabelece a classificação hierárquica dos tipos anímicos encontráveis na natureza: a alma vegetal, a alma motriz e a alma racional, a mais superior delas e que é uma exclusividade do homem e contém todos os atributos das duas que lhe são inferiores. A alma motriz, como é superior à alma vegetal, contém os atributos da que lhe é inferior. Tal classificação foi cristianizada na Summa Teológica de S. Tomás e, dizem alguns críticos, mantidas por Descartes,

mais por prudência do que por uma questão de convicção.

Essa visão antropocêntrica que impregnou a filosofia ocidental é, em grande parte, muito fácil de ser aceita pelo senso comum. Não é desagradável ao homem a idéia de que ele seja a obra prima da natureza. Skinner não nega a primazia do homem sobre os outros animais, só que, para ele tal primazia é um fruto da superação, por parte dessa espécie animal, o Homo Sapiens, dos óbices naturais à sua sobrevivência que ele encontrou durante a evolução da vida no planeta. Dessa forma a inegável superioridade do homem é vista por Skinner como uma diferença a mais quantitativa do que qualitativa. Ou seja, refuta a idéia tradicional de que o comportamento humano difere de todos os seres da natureza em face de algo superior que lhe seja inerente. O comportamento humano é diferente porque o homem é diferente fisicamente e porque na sua história evolutiva comportamentos que foram úteis à sobrevivência e foram incorporados ao código genético.

Skinner é um evolucionista como Spencer, Darwin, Marx e outros. Assim é que a superioridade reacional do homem é uma realidade que a espécie estruturou durante a evolução, sendo portanto algo obtido e não, recebido. Desta forma ele não vê no homem algo muito especial e reforçador que o senso comum vem a séculos mantendo: a crença de ter uma alma racional que por seus atributos intelectivos, outrora considerados divinos, pode vencer as barreiras físicas quaisquer que elas sejam.

Trata-se na verdade de retirar uma coisa inexistente fisicamente, pois o que se retira é uma crença semelhante

a que foi perdida quando se verificou que a terra era apenas um planeta a mais a girar em torno do sol. A terra não perdeu absolutamente nada; os homens de então é que perderam uma crença que lhes era agradável.

Da mesma forma os homens de hoje não perdem absolutamente nada ao se retirar-lhes a crença na origem racional do comportamento. Segundo Skinner o comportamento sempre se deu em função das contingências de sobrevivência e de reforçamento e assim continuará sendo. Assim como a terra permaneceu "firme" quando se percebeu que ela movia, as conquistas humanas, a civilização, não ruirão ao perceber-se que o comportamento tem seu controle fora da mente. Ao contrário é provável que assim como a percepção da terra como um planeta móvel veio, mais tarde, facilitar o avanço da ciência e o melhor conhecimento do universo, é possível que a análise experimental do comportamento venha no futuro a melhorar de muito a situação do homem no mundo. Skinner acha que se obterá algo mais reforçador do que a crença em mitos, embora os mesmos possam perfeitamente ser mantidos para a tranquilidade emocional de quem assim desejar, pois em nenhum momento de sua obra ele preconiza a intolerância religiosa.

Este parece ser o mais polêmico princípio da filosofia skinneriana - não há no ser humano uma razão no sentido aristotélico ou cartesiano. Não há um "pensar" antes do agir ou existir. O "pensar" se confunde com o agir. Não há um pensamento imaterial separado do próprio ser humano e que seja causa do comportamento. O pensamento, ou o que é percebido como pensamento, é conseqüente à ação. Não se trata de inver-

ter a máxima cartesiana "Cogito ergo sum" - antepondo o existir ao pensar como fazem os marxistas e existencialistas: "existo, logo penso". Para Skinner o pensar não é consequência do existir, pois as ~~perças~~ coisas existem mas não pensam. O "pensar" é apenas uma das variadas formas do sentir que é, como notou Aristóteles, uma característica de todos os seres vivos. O sentir sob a forma de pensamento tem portanto lugar numa análise experimental do comportamento; ele só não tem o lugar de causa basilar de todos os comportamentos ou realizações humanas. O pensamento é também uma forma de comportamento e como tal pode ser emitido. O modo habitual de emissão do comportamento de pensar é sob a forma verbal, que é a comunicação simbólica e aprendida e conseqüentemente cultural. Por isso o pensamento, a consciência, mente, razão etc., são diferentes matizes de uma propriedade perceptiva do homem e que vem sendo muito debatidos na civilização ocidental. Mas devem ser vistos como conseqüências e não como causas, da mesma forma que vemos as cores, ouvimos os sons, sentimos as estimulações táteis, olfativas e gustativas como nos é dado perceber pelo nosso equipamento sensorial próprio da espécie humana, e não como eles são na realidade física e muito menos como nós desejaríamos sentir. O pensamento é pois limitado por contingências físicas impostas pelas limitações fisiológicas humanas ao perceber a realidade externa. O pensamento não é portanto ilimitadamente livre; seu grau de liberdade é similar ao dos outros sentidos humanos. Talvez o pensamento ocidental tivesse tomando um rumo diferente se Aristóteles tivesse incluído o pensamento como um 6º sentido humano. Neste caso o filósofo,

o literato e o orador seriam reconhecidos pelo registro de sua produção como artistas da palavra assim como os pintores o são pelo registro de formas visuais e os músicos pelo registro de sons. Vemos então que neste primeiro princípio ideológico há na realidade um duplo aspecto:

1º) Rejeitar-se a "alma racional", o homúnculo, o "mentalismo" liberal ou qualquer ficção explanatória outra que designe o dualismo corpo-mente tradicional onde a mente, consciência etc., seja tomado como causa do comportamento.

2º) Vê-se o que é chamado de pensamento, lógica, razão, consciência, mente, etc., como aspectos vários do comportamento verbal.

## 2.2 - O Homem tomado como ser social.

O trabalho laboratorial de Skinner foi desenvolvido tradicionalmente com base na experimentação com o indivíduo isolado e não em conjunto. Isso inclusive valeu-lhe a crítica segundo a qual as relações sociais em seu trabalho, quando há referência a elas, estas resumem-se a eventos diádicos ou a interação entre o indivíduo e a sociedade como um todo. Desta forma a sociedade, embora Skinner a tome como uma realidade sem procurar defini-la conceitual ou operacionalmente, fica sub-entendida como sendo o resultado do somatório das relações individuais. A mais elucidativa definição do que seria uma sociedade fundamentada nos princípios operantes ainda é a descrita no utópico Walden-Two, livro escrito a prati-

camente quarenta anos atrás e que apresenta sugestões, como a referente à taxa de natalidade, que hoje o próprio Skinner rejeita totalmente. Entretanto certos aspectos delineados em Walden Two, são hoje por Skinner defendidos como fundamentais para a redenção da sociedade. Tais aspectos são, entre outros: a necessidade de desconcentrar as grandes massas urbanas; descentralizar o controle social, substituindo a impessoalidade das relações entre os homens, como elas se dão atualmente, isto é, intermediadas pelo Estado ou pela grande empresa, por relações face-a-face; restabelecer o vínculo perdido entre o trabalho humano e o produto final do seu esforço, isto é, permitindo com que o artesão ou o artista voltem a sentir-se reforçados pela visão do que produziram e não que eles trabalhem apenas para a obtenção do dinheiro o qual, embora muito prático nas trocas comerciais, é um reforço condicionado e, portanto, menos eficiente como reforço. Mas não são apenas esses aspectos (que se levados a cabo já criariam suficientes problemas para revolucionar a ordem social vigente...) que levantaram o clamor contra a proposta skinneriana; embora esta vise reformar a sociedade para o bem do homem, ela é uma proposta pouco individualista. Ela contém claros propósitos distributivistas. São freqüentes as referências de Skinner à concentração de poder, inclusive econômico, nas mãos de uns poucos em detrimento de muitos outros. Vejamos a citação seguinte de Reflections on Behaviorism and Society:

"Os psicólogos humanistas não são despreocupados quanto ao bem estar de outrem ou mesmo do bem de uma cultura ou da humanidade, mas sua formulação é basicamente egoísta.



Seu desenvolvimento pode ser identificado na luta pela liberdade política, religiosa e econômica, onde um governante despótico podia ser derrubado somente convencendo o indivíduo de que ele era a fonte do poder usado para controlá-lo. A estratégia teve seus resultados benéficos, mas levou a um excessivo engrandecimento do indivíduo, o que pode como consequência conduzir a novas formas de tirania ou do caos. O suposto direito do indivíduo adquirir riqueza ilimitada a qual ele é livre para usar como lhe agrada frequentemente resulta em um tipo de despotismo: e a estrita preocupação dos indus com o desenvolvimento pessoal pela espiritualidade foi acompanhada por uma quase total negligência quanto ao ambiente social" (pág.54).

Vê-se portanto, que a posição de Skinner contraria princípios fundamentais do sistema econômico e social vigente nas democracias ocidentais, onde considera-se que a competição e a acumulação de bens e poder são, além de lícitas, desejáveis como fator de estimulação ao progresso. Podemos assim levantar a possibilidade de que haja fortes componentes ideológicos de natureza política e econômica subjacentes as críticas ao Behaviorismo Radical como proposta de reforma social.

### 3. Behaviorismo Radical e Controle

O ponto central do debate sobre a posição assumida por Skinner veio a ser, em última instância, a questão da liberdade, seja individual quanto coletiva. Há inúmeros ângulos sob os quais podemos analisar a questão da liberdade. Todavia, para sintetizar, nossa posição é que podemos visualizar a liberdade primeiro do ponto de vista biológico e segundo do ponto de vista do meio social.

Do ponto de vista biológico o homem é uma parte da natureza e é regido por suas leis. Esta nossa posição reconhece o homem como um animal cujo equipamento reacional é limitado pelas características de sua espécie. Entretanto a espécie humana é peculiar por que é uma que apresenta um período de desenvolvimento infantil muito longo para o seu ciclo vital. Acresça-se que ao nascer o ser humano é muito carente de mecanismos adequados à sua defesa e sobrevivência. O homem nasce desequipado de apêndices corporais que garantam o seu sobreviver isolado dos seus semelhantes adultos. Assim o homem é biologicamente "livre" de condicionantes físicos, mas fica preso ao meio social que condiciona até aspectos do seu metabolismo. Desta forma a ausência de instintos e dotes físicos pode ser considerada como um fator que torne o homem "livre" ou "limitado". Depende do ponto de vista que queiramos observá-lo. Entretanto do ponto de vista sociológico o homem é sempre uma presa do social ; mas não devemos apressadamente concluir que a presença do homem no mundo é semelhante à de um interno em um hospital psiquiátrico ou presídio.

Na verdade, como foi dito anteriormente, o sucesso ainda que parcial das teorias comportamentais em geral, e não somente da escola operante, no tratamento institucional de internos, em clínicas psicoterápicas e em laboratórios, levou aos críticos e ao público em geral dois receios:

1º) que a aplicação dos princípios skinnerianos à vida em sociedade transformasse as pessoas em robots felizes como em O Admirável Mundo Novo .

2º) que as pessoas comuns seriam tratadas severamente como na fantasia Orwelliana, ou que métodos punitivos seriam a regra para qualquer um como em A Laranja Mecânica.

Os dois receios são evidentemente infundados. Vejamos o 1º caso: a descoberta das anfetaminas, anestésicos e psicotrôpicos em geral não levou a clínica médica a sair preconizando sua administração indiscriminada ao público em geral e nem mesmo à pessoa que incidentalmente estivesse sentindo dores devido a um pequeno mal físico ou deprimida devido ao insucesso do seu time preferido no campeonato nacional. Da mesma forma, a adoção da teoria operante nada tem a ver com a administração de cápsulas de soma (como em O Admirável Mundo Novo) ou qualquer outra droga que torne as pessoas "felizes".

A adoção de princípios operantes na solução de problemas sociais não significa distribuição compulsiva de recompensas e nem mesmo de reforços positivos. Ao contrário o Behaviorismo Radical implica justamente numa revisão dos princípios éticos que levaram a humanidade ao atual estado de carên-

cia a que estão submetidos 3/4 da população mundial. O Behaviorismo Radical é em si uma ciência dos valores. É uma proposta profundamente humanista, embora sua abordagem da condição humana seja revolucionária. Mas nada leva a aceitar que a sociedade por ela procurada seja totalitária. Verdadeiramente, o que foi e vem sendo proposto por Skinner é uma sociedade menos centralizada onde as relações interpessoais sejam diretas e não intermediadas por macro instituições governamentais, religiosas ou econômicas. Sua proposta, como já deveria ter sido compreendido pelos seus adversários, é a de construir-se uma sociedade pluralista dividida em comunidades mais para o rural do que para o gigantismo urbano dos dias atuais. A preocupação de Skinner com os rumos a sociedade industrial não é recente. Em seus livros são frequentes as suas alusões à sua juventude no lago Walden e a sua admiração por Thoreau: daí ele ter escrito Walden Two. Como disse Rozyko (1974) a fantasia Orwelliana poderá consubstanciar-se a partir dos rumos que vem tomando a moderna sociedade industrial com seus sofisticados métodos e artefatos adequados a controlar o homem, e não a partir da proposta de Skinner.

#### 4. O Behaviorismo Radical e a Ética

A colocação do Behaviorismo Radical como filosofia de uma ciência dos valores nos traz duas questões. A primeira diz respeito ao se tal ciência seria desejável e/ou passível de ser levada a cabo, e a segunda ao se, em sendo possível uma análise experimental dos valores, seria ético aplicar suas conquistas à condução ou remodelação da sociedade.

Primeiramente é preciso dizer que não há como afirmar ser indesejável pesquisar cientificamente sobre qualquer assunto que seja relevante para o ser humano. Recusar-se a analisar a origem do comportamento moral seria aceitar que ele é algo sagrado ou que, por ser inato e simples, seria perda de tempo estudá-lo. Mas, parece óbvio que o comportamento moral não é algo simples e muito menos inato. Ao contrário ele é complexo e mutável com o tempo e o espaço. O que é proposto é uma análise das contingências dentro das quais se estabelecem os valores no indivíduo para favorecer a emissão de comportamentos úteis à sobrevivência da própria cultura e a eliminação das frequentes contradições encontráveis em qualquer sistema social. A compreensão dessa formação dos valores eliminaria inclusive a alegada ameaça de transformação da sociedade num "paraíso robotizado", pois segundo Skinner o erro dos utilitaristas do século XIX foi não terem eles percebido que o maior número de bens para maior número de pessoas pode ser a causa do máximo tédio. Na verdade o que Skinner propõe é um estudo dos valores para que seja possível estabelecer um sistema meritocrático que não seja incompatível com a auto-realização completa do indivíduo. O abandono da busca das

causas não elimina um problema; nesse sentido é absurdo julgar que a ignorância sobre a causalidade dos processos que conduzem à formação dos valores políticos e sociais garantiria que a sociedade pudesse ficar mais preservada de manipulação nociva por parte de governantes despóticos.

Desta forma Skinner considera que não optar pela obtenção de uma tecnologia, qualquer que seja ela, mesmo a comportamental é defender o obscurantismo. E este não defende o cidadão; pelo contrário a história prova que este é mais espoliado pelas supostas elites dirigentes quanto mais grasse a ignorância.

Nossa posição é que mesmo que uma tecnologia possa ser considerada intrinsecamente perigosa (o que contraria Skinner que julga que tecnologias são neutras) é preciso compreender o comportamento ético pois este precede a obtenção de qualquer tecnologia. Se bem formarmos o homem ele não procurará desenvolver tecnologias destrutivas. Portanto julgamos ser desejável não somente compreender a causalidade do comportamento moral como também aplicar o que for descoberto para salvar ou melhorar as condições de vida do homem neste planeta.

BIBLIOGRAFIA

- AYLLON, T. "Behavior Modification in Institutional Settings";  
Arizona Law Review, 1975, 17, 3-20.
- BANDURA, A. - Principles of Behavior Modification. New York:  
Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1969.
- BERTALANFFY, L.V. - "Humanism and Antihumanism in The Present  
Age", The Humanist, September/October, 1972.
- BLACK, M. - "Some Aversive Responses to a Would be Reinfor-  
cer", - In H. Wheeler Ed., Beyond The Punitive Society,  
San Francisco: W.H. Freeman and Co., 1974.
- BORING, E.G. - A History of Experimental Psychology. New  
York: Appleton, Century, Crofts, Inc., 1950.
- BORING, E.G. - "A History of Introspection", Psychological  
Bulletin, Vol.50, 1953.
- CALVERT, J.W. - "B.F. Skinner's Psychology and Revolutionary  
Politics: The Problem of Authoritarian Tendencies in Re-  
volutionary Movements", Behaviorism for Social Action,  
Vol.2, n°1, 1979.
- CARPENTER, F. - The Skinner Primer - Behind Freedom and Digni-  
ty. New York: The Free Press, Mac Millan Publishing, Co.  
Inc., 1974.
- CHOMSKY, N. - "The Case Against B.F. Skinner", The New York  
Review. Dec. 30, 1971.
- CLARK, K.B. - "Psychotecnology and The Pathos of Power", Ame-  
rican Psychologist, Dec. 1971, 1047-1057.
- DAY, W.F. - "On Certain Similarities Between The Philosophi-  
cal Investigations of Ludwig Wittgenstein and The Operatio-  
nism of B.F. Skinner", Journal of The Experimental Analy-

sis of Behavior, 1969, 12,489-506.

DAY, W.F. - "Humanistic Psychology and Contemporary Behaviorism", The Humanist, March/April, 1971.

GOLDIAMDOND, I. - A Programing Contingency Analisis of Mental Health (in print).

HOLLAND, J.G. - "To Cuba With The Venceremos Bridade" Behariorism for Social Action, Vol.1, nº1, 1978.

JENSEN, R.G. - "Behaviorism, Black Inteligence and Backward Ideology", Behaviorism for Social Action, Vol.1, nº1, 1978.

KOCH, S. - "Psychology Cannot be a Coherent Science", Psychology Today Magazine, September, 1969.

KOENIG. S - Elementos de Sociologia, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.

KOLBE, W. - "B.F. Skinner's Radical Behaviorism: Logical Positivism or Dialectical Materialism?", Behaviorism for Social Action, Vol.1, nº1, 1978.

KURTZ, P. - "Democracy and The Technology of Control", The Humanist, November, 1971.

LIEBERT, R. - Personality: Strategies for The Study of Man, New York: The Dorsey Press, 1974.

Mc CALL, R.J. - "Beyond Reason and Evidence: The Metapsychology of Professor B.F. Skinner", Journal of Clinical Psychology, April 1972, 125-139.

MAC CORQUODALE, K. - "Behaviorism is a Humanism", The Humanist, March/April, 1971.

MAHONEY, M.J. - Cognition and Behavior Modification, Cambridge, Mass: Ballinger Publishing Co., 1974.



- MATSON, F.W. - "Counter rebuttal", The Humanist, March/april, 1971.
- MATSON, F.W. - "Humanist Theory: The Third Revolution in Psychology", The Humanist, March/April, 1971.
- MERTENS, G.C. - "Towards a Catalog of The Criticism of The Behavioral Approach", Directory and Presidential Address Handout for The AABT, 1974.
- MOROZOV G.y ROMAZENKO V. - Neuropatologia y Psiquiatria, Moscow: Editorial Paz, 1970.
- NICOLAUS , R.H. - "Humanitarism, Science, and B.F. Skinner", Behaviorism for Social Action, Vol.2, nº1, 1979.
- NOVACK, M, - "Is he Really a Grand Inquisitor?" in. H. Wheeler Ed. Beyond The Punitive Society, San Francisco: W.H. Freeman and Co., 1974.
- PERELMAN, Chaim - "Behaviorism's Enlighted Despotism" In: H.Weeler Ed., Beyond the Punitive Society, San Francisco: W.H. Freeman and Co., 1974.
- PIRAGES, D.C. - "Behavioral Technology and Institutional Transformaton", In H.Weeler Ed., Beyond the Punitive Society San Francisco: W.H. Freeman and Co., 1974.
- PLATT, J.R. - "The Skinnerian Revolution". In H. Wheeler Ed. Beyond The Punitive Society, San Francisco: W.H. Freeman and Co., 1974
- ROZYNKO, V. - "Controlled Environments for Social Change" - In: H. Weeler Ed., Beyond the Punitive Society, San Francisco: W.H. Freeman and Co., 1974.
- RUSSELL, B. - ABC da Relatividade. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- SCRIVEN, M. "Freedom Beyond Freedom", in.C.Thorensen (Ed.) Ysse Yearbook en Behavior Modification, 1971.

- SKINNER, B.F. - Walden Two, New York: Mac Millan Co.Inc., 1948.
- SKINNER, B.F. - Verbal Behavior, New York: Appleton, Century, Crofts, 1957.
- SKINNER, B.F. - Cumulative Record, New York: Appleton, Century, Crofts, 1959.
- SKINNER, B.F. - The Behavior of Organisms, New York: Appleton, Century, Crofts, 1938.
- SKINNER, B.F. - Beyond Freedom and Dignity, New York: Alfred A. Knopf, 1971.
- SKINNER, B.F. - About Behaviorism, New York: Vintage Books, 1974.
- SKINNER, B.F. - Reflections ou Behaviorism and Society, New Jersey: Prentice Hall, Inc., 1978.
- SKINNER, B.F. - "Answers for My Critics", In H. Wheeler (Ed) Beyond The Punitive Society - Operant Conditioning: Social and Political Aspects, San Francisco: W.H. Freeman and Co. 1974.
- SKINNER, B.F. - "Humanism and Behaviorism", The Humanist, July/August, 1972.
- SKINNER, B.F. - "Humanist Behaviorism? An Exchange", The Humanist; May/June, 1971.
- SKINNER, B.F. - "Interview With B.F., Skinner" Behaviorism for Social Action, Vol.2, n°1, 1979.
- SPRANGER, E. - Psicologia de la Edad Juvenil, Ed. Rev. Occidente, Madrid, 1960.
- STEVENS, V.J. - "Sociobiology, Science and Human Behavior" - Behaviorism for Social Action, Vol.1, n°1, 1978.
- STOLS, S.B. Et al. - Ethical Issues in Behavior Modification, Eds. San Francisco: Jossey - Bass, 1978.

- STUMPF, S.E. - From Socrates to Sartre: A History of Philosophy, New York: Mac Graw-Hill Book Co., 1966.
- SPELLER, P. - Análisis de la Conducta: Trabajos de Investigación en Latino América. Mexico: Ed. Trillas, 1978.
- TOYNBEE, A. - "Great Expectations", in H.Wheeler Ed. Beyond The Punitive Society, San Francisco: W.H.Freeman and Co., 1974.
- ULLMAN, J. - "Skinnerianism: Materialism minus the dialectic", Behaviorism for Social Action, Vol.1, nº1, 1979.
- WERTHEIMER, M. - A Brief History of Psychology, New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.
- WHEELER, H. - Beyond The Punitive Society - Operant Conditioning: Social and Political Aspects, San Francisco: W.H. Freeman and Co., 1974.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ,  
fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

*Anamaria Ribeiro Coutinho*

Anamaria Ribeiro Coutinho  
Orientadora

PUC/RJ - Deptº de Psicologia

*Bernard Pimentel Rangé*

Bernard Pimentel Rangé

PUC/RJ - Deptº de Psicologia

*Octávio Soares Leite*

Octávio Soares Leite

PUC/RJ - Deptº de Psicologia

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 13 de julho de 1982.

*Vera Maria Ferrão Candau*

Vera Maria Ferrão Candau

Coordenadora dos programas de  
Pós-Graduação do Centro de Teo-  
logia e Ciências Humanas.